



MAIS UMA PARTE DO CAMINHO PERCORRIDO PARA SER PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Relatório de Estágio Profissional

Relatório de Estágio Profissional, apresentado com vista à obtenção do 2º Ciclo de Estudos conducente ao Grau de Mestre em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário, da Faculdade de Desporto da Universidade do Porto, ao abrigo do Decreto-Lei 74/2006, de 24 de março, na redação dada pelo Decreto-Lei 65/2018, de 16 de agosto e do Decreto-Lei nº 43/2007, de 22 de fevereiro.

Orientadora: Professora Doutora Paula Batista

Alexandre Vinicius Ferreira Vanin

Porto, janeiro de 2020

FICHA DE CATALOGAÇÃO

Vanin, A. V. (2019) Mais uma parte do caminho percorrido para ser professor de Educação Física. Relatório de Estágio Profissional. Porto: A. Vanin. Relatório de Estágio Profissional para a obtenção do grau de Mestre em Ensino de Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário, apresentado à Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.

PALAVRAS-CHAVE: ESTÁGIO PROFISSIONAL; PROFESSOR; EDUCAÇÃO FÍSICA; INSTRUÇÃO; FEEDBACK.

AGRADECIMENTOS

A minha família, esposa e filhos, que vieram comigo nesta grande jornada de mudança de vida. Pelo apoio incondicional que me deram durante o curso. Eles são os motivos de estar fazendo todo este esforço para realizar o mestrado.

Ao professor cooperante, colegas de estágio e professora orientadora que, com muita paciência, puderam compreender a minha situação durante o ano de estágio e fizeram com que eu me sentisse mais confortável para conseguir me desenvolver da melhor forma possível.

Aos professores da FADEUP, que durante o curso conseguiram me passar valores e conhecimentos específicos que contribuíram muito para a minha prática durante o estágio.

Aos amigos que consegui fazer durante o mestrado, que participaram ativamente durante este meu processo de amadurecimento dentro do meio acadêmico e, principalmente, fora, mostrando-se amigos de verdade.

Muito obrigado a todos!

ÍNDICE GERAL

AGRADECIMENTOS	iii
ÍNDICE GERAL	iv
ÍNDICE DE TABELAS	vii
ÍNDICE DE ANEXOS	ix
RESUMO.....	xi
ABSTRACT	xiii
NOTA DE ABERTURA.....	xv
1. INTRODUÇÃO	3
2. ENQUADRAMENTO PESSOAL.....	9
2.1 . Uma Breve Biografia e a Escolha pela Educação Física.....	9
2.2 Expectativas em Relação ao Estágio Profissional	12
3. ENQUADRAMENTO PROFISSIONAL	16
3.1. Entendimento do Estágio Profissional	16
3.2. Enquadramento Institucional	19
3.3. Escola Cooperante: um Espaço de Crescimento	20
3.4. Grupo de Educação Física: a Cada Dia um Novo Aprendizado ...	22
3.5. Núcleo de Estágio: uma Parceria de Qualidade	24
3.6. As Turmas com que Aprendi	25
4. EDUCAÇÃO FÍSICA E SUA LEGITIMAÇÃO	32
5. REALIZAÇÃO DA PRÁTICA PROFISSIONAL	40
5.1. Organização e Gestão do Ensino e da Aprendizagem	40
5.1.1. Da análise documental ao planeamento	40
5.1.2. A operacionalização do planeado	44
5.1.3. A relação pedagógica/clima da aula	50
5.1.4. A gestão da aula (alunos, tempo, atividades, espaços)	52
5.1.5. Instrução	56

5.1.6. A IMPORTÂNCIA DA INSTRUÇÃO: DA IDENTIFICAÇÃO DAS DIFICULDADES À MELHORIA.....	56
5.1.6.1. Resumo.....	56
5.1.6.2. Abstract.....	57
5.1.6.3. Introdução.....	58
5.1.6.4. Enquadramento Teórico	59
5.1.6.5. Objetivos.....	63
5.1.6.5.1 Objetivo Geral.....	63
5.1.6.5.2 Objetivos Específicos.....	63
5.1.6.6. Metodologia	63
5.1.6.7. Resultados.....	64
5.1.6.7.1 Conteúdo, sequência e extensão na apresentação da tarefa	64
5.1.6.7.2 Natureza do Feedback.....	66
5.1.6.8. Discussão e Conclusão	67
5.1.6.9. Referências.....	69
5.2. A Avaliação.....	70
6. Participação na escola e Relações com a Comunidade	75
7. CONCLUSÕES E PERSPECTIVAS PARA O FUTURO	80
8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	86
ANEXOS	xix

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1: Modalidades lecionadas por período.....	42
Tabela 2 – Gravações das Aulas de Voleibol e Basquetebol	66

ÍNDICE DE ANEXOS

Anexo 1 – Unidade Didática	xix
Anexo 2 – Plano de Aula	xx
Anexo 3 – Tabela de Avaliação	xxii
Anexo 4 – Ficha de Caracterização do Aluno	xxiv
Anexo 5 – Ficha de Auto Avaliação.....	xxvi
Anexo 6 – Relatórios de Aula para Alunos com Dispensa	xxviii
Anexo 7 – Folhas de Observação dos Professores Estagiários.....	xxx

RESUMO

O presente documento faz referencia à unidade curricular de estágio profissional do curso de Mestrado em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário, da Faculdade de Desporto da Universidade do Porto. Este Relatório de Estágio surge com o intuito de apresentar como decorreu o ano de estágio de um professor estagiário (o autor) na escola cooperante em que esteve inserido. O estágio decorreu numa escola do concelho de Vila Nova de Gaia e contou com a colaboração do professor cooperante, da mesma escola, e da professora orientadora da faculdade. Este relatório apresenta o percurso deste professor estagiário desde o início do seu caminho académico, passando pela inserção no curso de mestrado até chegar ao momento do estágio profissional. Mostra também como foi toda a convivência e aprendizados pelo qual ele passou na escola cooperante. A relação com as turmas que lecionou, com as colegas de estágio, com o professor cooperante, demais professores e funcionários da instituição. O presente relatório também expõe as aprendizagens que o professor estagiário obteve ao longo deste percurso, demonstrando a importância do estágio profissional para a formação de professores de Educação Física. A seguir, está contido, como forma de estudo de investigação-ação, uma tentativa de melhora da instrução do professor estagiário. Este estudo, com intuito de ajudar o autor deste trabalho e, talvez, outros professores, apresenta estratégias utilizadas para a melhora da instrução com base nas aulas lecionadas a turmas do secundário. Por fim, podemos ver as conclusões e perspectivas para o futuro do professor estagiário após percorrer todo este caminho.

PALAVRAS-CHAVE: ESTÁGIO PROFISSIONAL; PROFESSOR; EDUCAÇÃO FÍSICA; INSTRUÇÃO; FEEDBACK.

ABSTRACT

The presente document refers to the school placement unit course of the Master in Physical Education Teaching in Basic and Secondary Education, Faculty of Sports, University of Porto. This practicum report aims to present how the year of internship of an intern teacher (the author) at the cooperative school in which he was inserted took place. The internship took place at a school in the municipality of Vila Nova de Gaia and was supported by the cooperating teacher from the same school and the faculty advisor. This report presents the path of this trainee teacher from the beginning of his academic path, through the insertion in the master's degree until the moment of the professional internship. It also shows how was all the coexistence and learning that he spent in the cooperative school. The relationship with the classes he taught, with his internship colleagues, with the cooperating teacher, other teachers and staff of the institution. This report also exposes the learning that the trainee teacher has obtained along this course, demonstrating the importance of the professional internship for the training of Physical Education teachers. The following is contained, as a form of action research study, an attempt to improve the instruction of the trainee teacher. This study, in order to help the author of this work and, perhaps, other teachers, presents strategies used to improve instruction based on classes taught to secondary classes. Finally, we can see the conclusions and perspectives for the future of the trainee teacher after going all this way.

KEYWORDS: PROFESSIONAL STAGE; TEACHER; PE; INSTRUCTION; FEEDBACK.

NOTA DE ABERTURA

O presente relatório, visto que foi produzido por um aluno com formação realizada no Brasil, encontra-se escrito em Português do Brasil.

INTRODUÇÃO

1. INTRODUÇÃO

A elaboração do presente documento, designado de relatório de estágio, representa a última etapa do programa do Mestrado em Ensino em Educação Física nos ensinos básico e secundário da Faculdade de Desporto da Universidade do Porto. Este apresenta tudo o que realizei e passei ao longo deste último ano como Professor Estagiário, mostrando como consegui confrontar as minhas crenças e conhecimentos prévios com os desafios com que me deparei durante este período letivo de Prática Pedagógica. Por este motivo, este documento está diretamente ligado à construção da formação dos Professores Estagiários mostrando a organização e percepção das novas formas de interpretar as questões relacionadas com a prática docente.

Para conseguir entender um pouco melhor esta formação de professores realizada pela FADEUP, podemos voltar um pouco no tempo e citar que a organização do atual currículo se deu após o processo de Bolonha. Para explicar melhor como foi feita essa nova divisão do currículo, Graça (2015, p. 27), diz que:

“A organização do ensino superior definida no processo de Bolonha compreendia 3 ciclos, sendo que o primeiro e o segundo ciclos, em conjunto, teriam a duração de 5 anos, que em Portugal se traduziu na solução de 3 mais 2.”

Em termos gerais a formação de professores é um tema muito abordado atualmente. De acordo com Sérgio (2014, p.13) a formação de professores “é uma temática que deixou de ser silenciada e se tornou num objeto de estudo e num dos elementos centrais da política educacional, suscitando abordagens, questionamentos e análises, sobretudo pela sua relevância no exercício da docência”. É importante esta discussão sobre o assunto para que as formações de professores sejam cada vez mais completas e atuais.

Dentro da formação de professores temos um ponto que considero importantíssimo ao longo deste percurso, o estágio. Em relação a este assunto, posso citar a fala de Paixão e Jorge (2014, p. 43), que dizem:

“O nosso primeiro pressuposto, no contributo descritivo e reflexivo que se apresenta, é que o estágio ocupa um tempo privilegiado na formação de professores. É nele, de modo mais intenso, que se desenvolvem as competências associadas à profissão docente, ou seja, aquelas que serão indispensáveis para os docentes potenciarem a formação de cidadãos responsáveis, ativos e implicados na construção da almejada sociedade sustentável e democrática.”

Neste sentido já conseguimos ter uma ideia da importância desse momento na formação dos professores. Seguindo neste caminho, para apresentar mais argumentos para demonstrar essa importância, Silva (2014) aponta que este é o momento de aplicar as competências profissionais desenvolvidas até aquele momento, objetivando a transposição para a prática dos conhecimentos vivenciados para o contexto real. Para complementar e concluir sobre esta questão da formação inicial de professores e do estágio profissional, exponho a fala de Batista e Queirós (2015, p. 33), onde elas falam sobre o que o estágio pode oferecer aos futuros professores dizendo que:

“Com efeito, a prática de ensino oferece aos futuros professores a oportunidade de imergirem na cultura escolar nas suas mais diversas componentes, desde as suas normas e valores, aos seus hábitos, costumes e práticas, que comprometem o sentir, o pensar e o agir daquela comunidade específica”.

Durante o desenvolvimento deste documento, espero conseguir expressar da melhor forma possível às relações que pelas quais passei enquanto professor estagiário, com os alunos, com a escola, com as colegas de estágio, professor cooperante, entre outros, dentro deste ano de estágio profissional. Pretendo apresentar tudo isso relacionando esta prática pedagógica, onde busquei desenvolver minhas competências, com o enquadramento teórico, tendo como propósito transformar e acrescentar valores aos meus conhecimentos prévios. Isso tudo com o objetivo principal de me tornar um professor cada vez melhor, pois, como professor, sempre busquei o meio mais efetivo de percepção dos alunos, com a finalidade de obter exatamente o planeado da maneira mais rápida e efetiva. Nesta altura

não seria diferente, busquei sempre sobrepor os pormenores da língua e com toda dedicação busquei a compreensão dos alunos durante esse processo.

O relatório está constituído com uma estrutura de cinco capítulos. No primeiro relato um pouco da minha história, percurso até este momento e as minhas expectativas em relação ao estágio. Já no segundo capítulo exponho a experiência que vivi durante o estágio, relatando como era a escola, o grupo de professores de Educação Física, o núcleo de estágio, as turmas que lecionei as aulas e também faço uma breve descrição de como entendo o estágio profissional. No terceiro, coloco a minha opinião sobre a situação da Educação Física atualmente e a sua legitimação perante a sociedade. Para o quarto capítulo temos a parte de Realização da Prática Profissional, onde apresento as três áreas da prática profissional e insiro o meu estudo sobre a Instrução. Por fim, no quinto capítulo está contida as minhas conclusões após todo este percurso e as minhas expectativas para o futuro.

Este relatório mostra como foi possível desenvolver competências pedagógicas, didáticas e científicas associadas a um desempenho profissional crítico e reflexivo. Assim como o estágio profissional, este documento está estruturado em três grandes áreas: o Enquadramento Pessoal, que materializa a apresentação do Professor Estagiário; o Enquadramento Institucional, que trata as questões relativas à apresentação da escola onde decorreu o estágio e da escola como instituição; e o Enquadramento Operacional onde foram tratadas as três Áreas de Desempenho que são a organização e gestão do ensino e da aprendizagem, a participação na escola e as relações com a comunidade e, por fim, o desenvolvimento profissional.

Ainda no contexto do estágio, e por forma a enriquecer ainda mais o estágio profissional e este relatório de estágio, desenvolvi o estudo relacionado com um problema evidenciado no início do estágio e que foi objeto de investimento ao longo de todo o ano letivo. Assim, visando melhorar a qualidade da minha instrução, dificuldade apontada pelo professor cooperante, busquei realizar a pesquisa neste sentido, procurando observar os pontos em que necessitava de melhoras para conseguir fazer com que fossem mais efetivas as instruções durante as aulas. Tudo isto com o intuito de melhorar as sessões e fazer com que os alunos conseguissem perceber da melhor forma possível o principal objetivo das atividades.

ENQUADRAMENTO PESSOAL

2. ENQUADRAMENTO PESSOAL

2.1. Uma Breve Biografia e a Escolha pela Educação Física

Iniciando uma breve apresentação, chamo-me Alexandre Vanin, nascido na cidade de Porto Alegre, no estado do Rio Grande do Sul, Brasil. Desde pequeno que convivo com estas questões de ser professor. A minha mãe é professora de Matemática e meu pai, apesar de ser Engenheiro, sempre foi professor. Por este motivo, fui apresentado a muitos aspectos relacionados com a prática docente através desta experiência que me foi passada pelos meus pais. Questões como o gosto por ensinar, o amor pela profissão de professor, a dedicação para conseguir atingir o aluno da melhor forma possível e o esforço que deve ser feito para ajudar os alunos a chegarem a uma formação integral do seu ser, foram aprendizagens que fui adquirindo já desde essa época.

O gosto pelo desporto sempre foi evidenciado por mim, daí a escolha pela Educação Física. Praticava diferentes modalidades, tanto dentro como fora do colégio, desportivas e recreativas. Adorava estar envolvido nesta tipologia de atividades diferenciadas, especialmente aquelas que eram relacionadas ao futebol.

No momento de fazer a escolha, no último ano de Ensino Médio, do curso que iria frequentar, ainda estava com algumas dúvidas. Foi então que, conversando com minha prima que estava cursando Educação Física, fui apresentado ao currículo do curso. Fiquei logo empolgado para saber mais sobre esta graduação. As disciplinas, só pelos nomes já me chamaram a atenção, sendo que, quando vi os conteúdos programáticos, fiquei admirado com as abordagens das disciplinas. Como ainda estava com algumas dúvidas entre Educação Física e Ciências da Computação (mesmo sendo duas áreas bem distintas), após visualizar estes programas, fiz a minha escolha. Nessa altura a minha mãe avisou-me das dificuldades e desafios que existem em ser professor. Assim como sobre a responsabilidade que se tem de ter nesta profissão, aspecto que ela sempre demonstrou durante todos estes anos de lecionação.

Seguindo neste processo da formação, realizei meu curso, concluindo em 2005. Mas a minha prática começou um pouco antes, em 2003. Já antes de me formar comecei a buscar espaço no mercado da Educação Física e adquirir experiência com relação à prática docente em aspectos como o domínio de turma, articulação de conteúdos da teoria para a prática, relacionamento com alunos e colegas de trabalho, entre outros elementos, para começar a progredir nesta área. Também adquiri conhecimentos que me fizeram crescer ao nível da resolução de problemas durante as aulas, como por exemplo, mudar atividades que não estavam correndo muito bem durante a sessão, resolver atritos entre alunos, conseguir perceber as dificuldades de alunos para tentar explorar alternativas diferentes, entre outros conhecimentos que comecei a adquirir durante essa época. Neste sentido, trabalhei em várias escolas como estagiário participando de todos os tipos de atividades que podia. Conheci e convivi com muitos professores e profissionais competentes. Com estes processos comecei a adquirir estes e outros conhecimentos e estas e outras experiências da prática.

Após a minha graduação consegui realizar dois cursos de pós-graduação, um na área do futebol e futsal e outro na área do treinamento desportivo. Mais uma vez foram práticas que me ajudaram muito para um crescimento na área, mesmo sendo cursos específicos, obtive, além da aquisição de conteúdos próprio dos cursos, formação mais geral em assuntos como a gestão do tempo de aula/sessão de treino, criação e preenchimento de documentos relacionados à área docente, articulação do conhecimento teórico com a prática, entre outros. Durante este tempo permaneci trabalhando com a Educação Física, mas em diversas áreas de atuação. Trabalhei com o futebol na iniciação e no treinamento, lecionei aulas de ginástica laboral, atuei como *personal trainer* particular e dei aulas em academia, enfim, em diversas áreas. Esta variedade de atividades em que trabalhei, contribuíram para aumentar, ainda mais, o meu leque de conhecimentos, como os citados, e ainda melhorar significativamente a minha experiência prática na docência, pois elevou muito as minhas experiências profissionais.

Enfim, no ano de 2010, iniciei minha prática como professor efetivo de Educação Física em num colégio, mas mantendo muitas de minhas outras práticas que já desenvolvia. Foi mais um desafio, de entre os muitos que já

passei, mas claro que com as suas diferenças, assim como são todos os desafios já enfrentados. Continuei neste colégio por 7 anos, saindo apenas para vir estudar em Portugal. Acredito que esse sim, até agora, foi o maior e mais diferente desafio pelo qual já passei. Até agora, pelo que tenho visto e experimentado, percebo, a meu ver, que existem muitas questões diferentes em relação à prática pedagógica entre o Brasil e Portugal. Começando pela organização, seleção e divisão dos professores para as escolas, no Brasil precisamos fazer um teste para entrar nas escolas e, aqui o sistema funciona por concurso. Outra questão que é muito diferente é o modo como a aula é ministrada na prática. Com efeito, a divisão e lecionação dos conteúdos é muito diferente entre os dois países. Enquanto que no Brasil nos preocupamos mais com aspectos relacionados com as questões sociais e comportamentais dos alunos, aqui em Portugal vejo que a preocupação está mais voltada para a performance técnica dos alunos em relação às modalidades esportivas, enfatizando-se o aprendizado das técnicas e táticas dos desportos. Estes são alguns dos pontos em que detetei diferenças, salientando que este é o meu ponto de vista baseado nas experiências que teve no Brasil e aqui em Portugal.

Neste tempo de caminhada na profissão e de vida, muitas coisas aconteceram. Muitas coisas realizei, muitas experiências passei, muitos amigos fiz, casei e tive filhos. Acreditava que até agora já havia adquirido muito conhecimento e, mais importante, havia adquirido muita experiência. A experiência de vida é algo que vejo como muito importante e que acredito que já tenha conquistado alguma. Mas em relação ao conhecimento percebi, ao chegar a Portugal, que ainda estou muito distante do que poderia e deveria estar. Mesmo já possuindo conhecimentos da parte técnica da Educação Física como, por exemplo, em conteúdos dos desportos, e certa experiência e competências na área docente como o controle de turma, gestão de aula, administração de problemas com alunos, penso ainda necessitar de muito mais. Portanto, quando iniciei este percurso em Portugal almejei durante o curso de Mestrado e durante o estágio, adquirir ainda mais conhecimento desta área técnica dos desportos e cada vez mais experiência na lecionação em aspectos que envolvem a articulação de conteúdos teóricos para a prática, gestão das aulas, melhor controle de turma, bem como ter uma observação

mais eficaz sobre aquilo que os alunos necessitam, entre outros fatores, para poder ser cada vez mais uma pessoa melhor e um melhor professor.

2.2 Expectativas em Relação ao Estágio Profissional

As expectativas em relação ao estágio começaram logo no início do curso de Mestrado, durante todo o primeiro ano. Ao longo das unidades curriculares por que fomos passando, cada professor já falava um pouco sobre como seria e o que poderíamos esperar e encontrar. Com estas informações e ideias que os professores foram passando pude já começar a perspetivar aquilo que poderia encontrar e os desafios que teria.

Com toda a certeza posso dizer que as minhas expectativas eram bem altas em relação ao estágio. O meu pensamento era, e ainda é, de que teria uma prática bem difícil. Mas ao mesmo tempo de que aprenderia muito neste espaço formativo, pois teria bons profissionais que estariam comigo, auxiliando-me neste processo de descoberta de novos conceitos e aquisição de uma melhor prática e novos conhecimentos.

Acreditava que o estágio poderia fazer com que conseguisse dar continuidade à minha aprendizagem que estava há algum tempo um pouco estagnada, isto pensando que estamos sempre em constante aprendizado. Poderia também fazer com que desenvolvesse ainda mais, as minhas competências como docente da disciplina de Educação Física, me aproximando ainda mais deste contato e interação com todos estes aspectos relacionados ao meio escolar.

Pretendia com o estágio conseguir adquirir todo conhecimento possível e crescer cada vez mais dentro da minha área de atuação. Também objetivava trocar muitas informações e experiências com os professores mais experientes e com meus colegas de estágio, com o intuito de ver outras formas de pensar e agir para ajudar na construção da minha prática pedagógica.

Por fim, pensava e tinha a expectativa de conseguir trabalhar com turmas interessantes e de conseguir, além de transmitir meus conhecimentos e experiências, transmitir o gosto pela prática da Educação Física e a vontade e motivação de querer praticar além das aulas.

ENQUADRAMENTO PROFISSIONAL

3. ENQUADRAMENTO PROFISSIONAL

3.1. Entendimento do Estágio Profissional

Pensando em relação aos objetivos a que se destina o Estágio Profissional, acredito ser, esta fase da formação de professores, uma etapa essencial para todos os docentes que iniciarão uma carreira nesta área. Segundo Bento (2014, p. 46), “a formação de professores é uma forma particular da relação entre a teoria e a prática, relação concretizada por um intermediário”. Trata-se de uma parte fundamental para que os novos professores conseguiram experimentar da melhor forma possível a prática da lecionação. Ainda neste sentido, sobre a formação total do novo professor, Bento (2014, p. 46) acrescenta que: “eis porque o alvo da formação não é tanto a prática, mas, sobretudo a pessoa do estudante como futuro professor”. Por esse motivo este é um ponto importante a ser salientado visto que o foco deve ser a formação total do estudante estagiário.

Neste momento do processo, os estudantes estagiários começam a formar a sua identidade profissional. Para isto, baseiam-se nas suas crenças, experiências anteriores (mesmo muita vezes sendo poucas) e nos ensinamentos que vão adquirindo com os professores ao longo do seu percurso acadêmico. Corroborando com este pensamento, Queirós (2014, p. 71) diz que “compreender e refletir sobre as nossas experiências pessoais e as origens das nossas crenças éticas, pode ser útil para ver que, cada um de nós tem a capacidade de influenciar a sociedade”. Isto mostrando a influencia que os professores que formam e os que serão formados tem e terão uma influencia muito grande na sociedade. Seguindo neste caminho, Bento (2014, p. 47) nos diz que “a função primordial da formação é de alargar e fundamentar as oportunidades e manifestações da criatividade e subjetividade do professor como homem de cultura, como arquiteto de práticas ‘teóricas’”. Por isto, nesse momento, digamos que para a consolidação deste passo, a presença do professor cooperante e da professora orientadora se torna fundamental. São eles que irão auxiliar o estagiário passando as últimas ferramentas e

ensinamentos para o preparar para o mercado de trabalho após a conclusão do estágio.

Acredito que a forma como o estágio profissional é realizado pela FADEUP é muito próxima da vida profissional daquela que os estudantes terão quando forem professores. Relativo a isso, Batista e Queirós (2015, p. 33) dizem que, com efeito, “a prática de ensino oferece aos futuros professores a oportunidade de imergirem na cultura escolar nas suas mais diversas componentes, desde as suas normas e valores, aos seus hábitos, costumes e práticas, que comprometem o sentir, o pensar, e o agir daquela comunidade específica”. Para que isso aconteça, Batista e Pereira (2014, p. 81) dizem que “é crucial que os programas de formação superior atendam a esta realidade e intervenham no sentido de desconstruir o construído, levando os estudantes, futuros professores de Educação Física, a criar um ideal próprio acerca do que deve ser a Educação Física”. É neste sentido que a formação deste ano de estágio torna-se muito real à medida que o estagiário assume uma turma durante todo o ano letivo. Esta é de inteira responsabilidade do estudante estagiário. Batista e Pereira (2014, p. 81) ainda acrescentam que “só assim estes podem assumir-se como elementos transformadores dos contextos profissionais em contraponto com a tendência reprodutiva do que existe”. Outro fator que contribui para esta aproximação com a vida docente é o fato de participarmos das reuniões previstas no calendário escolar, no âmbito da escola de uma forma geral e do grupo de Educação Física. As participações nos projetos desportivos e nas atividades da comunidade escolar também influenciam positivamente este crescimento do entendimento dos estudantes em relação a como funciona efetivamente a responsabilidade do professor neste processo.

Durante todo este processo o estudante estagiário precisa ser o mais sociável possível e tentar estar próximo de todas as pessoas que cercam esta comunidade escolar para, assim, conseguir estar mais adaptado e ter maior conhecimento de como funciona a instituição escolar. Relacionado a este assunto, Batista e Pereira (2014, p. 92) reforçam que “os contextos de estágio têm, portanto, que ser capazes de se transformar em organizações de aprendizagem, onde exista mais trabalho em rede, mais comunicação, mais articulação e mais integração para que o conhecimento possa ser construído

no coletivo, embora cada elemento tenha um papel definido e responsabilidade no e para com o grupo”. O estagiário também precisa de ser crítico o suficiente para ajudar na construção do seu lado docente, bem como de conseguir refletir sobre aquilo que ele lê, sobre o que é discutido com as colegas de núcleo de estágio e sobre o que lhe é passado pelo professor cooperante e pela professora orientadora para poder justificar as suas ações na prática. Reforçando esta ideia, Batista e Pereira (2014, p. 92) justificam que deste modo, entende-se que “o núcleo de estágio, constituído pelos estudantes-estagiários, professor cooperante e orientador da faculdade, devem funcionar como comunidades práticas, levando os estagiários a gerar novo conhecimento e novas competências”. É neste ambiente que o estagiário vai criando a sua autonomia como professor. Complementando este pensamento sobre o processo de criação da criticidade do professor, Batista e Queirós (2015, p. 35) referem que importa que “a formação superior, além da aquisição de conhecimentos e competências, faça apologia da reflexão crítica, estimulando o estudante a questionar-se continuamente sobre os próprios conteúdos. Desta forma é que o estudante estagiário vai conseguir crescer cada vez mais”.

Durante o ano de estágio são muitas as atividades que o estudante estagiário precisa de realizar. Atividades que para os professores experientes podem parecer até fáceis, por as fazerem há muito tempo, mas para os estagiários, em muitos momentos, são bem complexas. O fato de serem muitas ao mesmo tempo (Plano Anual, Planos de Aula, Unidades Didáticas, entre outros) também é um fator que dificulta.

Por fim, posso dizer que acredito que o estágio profissional é o fim de uma etapa do processo e o início de outra. Batista e Pereira (2014, p. 92) refletem que “o estágio profissional deve ser um espaço onde se possa solidificar os requisitos da competência e não um espaço de mera aplicação de habilidades (competências). Deve ser fim de um processo que foi construído ao longo de anos de forma orientada, culminando com a interação com a vida profissional e, o início da etapa da vida profissional de novos docentes”.

3.2. Enquadramento Institucional

Acredito que podemos pensar na escola como uma instituição pronta a servir aos alunos para auxiliar na sua formação de uma maneira integral. As pessoas devem possuir o direito ao acesso a este tipo de instituição. Não penso que a escola deva garantir a educação de todos, mas tem o dever de fazer parte deste processo com uma grande responsabilidade, pois trata da transmissão de uma cultura. Segundo Carvalho (2006, p. 3), “se considerarmos a educação como um processo contínuo que acompanha, assiste e marca o desenvolvimento do indivíduo, e que envolve a preservação e a transmissão da herança cultural, rapidamente se deduz a importância que o sistema educativo, em geral, e a escola, em particular, assumem na socialização e perpetuação da cultura”. Esta responsabilidade vem pelo fato de que todas as pessoas envolvidas com esta instituição tem um papel fundamental na caminhada escolar e, principalmente, na vida de muitos alunos.

A diversidade deve ser um fator levado em consideração pela instituição e pelos profissionais que fazem parte dela, a fim de transmitir aos alunos diferentes conceitos auxiliando na formação pessoal, intelectual, cultural, social, e física de todos que ali estiverem. É importante também atender às dificuldades de cada um e fazer com que todos usufruam de aprendizagens que enriqueçam cada vez mais as suas capacidades e potencialidades para explorá-las ao máximo.

Não podemos pensar que este trabalho é todo da escola. Todos os participantes deste processo são responsáveis e fundamentais para que ele ocorra da melhor forma possível. Começando pelos alunos, professores, funcionários da escola e pais. É preciso haver cooperação entre todos, com determinação. Havendo esta ajuda mútua, cria-se um ambiente favorável para que o aprendizado possa ocorrer.

Dentro da sociedade, podemos entender a escola como um dos principais locais para a manutenção, aquisição e melhoria dos valores morais, que são identificados para um bom funcionamento do convívio social. De acordo com Bento (2014, p. 23), “a escola apresenta-se, antes e independentemente de os estudantes terem iniciado a sua atividade de professores, como uma espécie de livro escolar repleto de conhecimentos que

exigem ser sabidos e dominados para ela poder funcionar. Neste sentido podemos perceber que a escola não pode ser considerada como uma instituição onde só algumas pessoas tomam as decisões de forma individual, mas sim utilizá-la de forma coletiva com tomadas de decisões que favoreçam a todos”. Mais uma função importante da escola para conseguir formar cada vez mais pessoas de maneira mais integral possível e prepará-las para a vida.

Podemos perceber que a escola ainda nos remete, muitas vezes, para os seus objetivos do passado. Se pensarmos que a escola foi criada para conseguir colocar pessoas no mercado de trabalho e que as aulas eram na sua maioria apenas transmissão de conteúdos pelos professores aos alunos, ainda hoje conseguimos evidenciar estas questões. Lógico que há muita evolução durante estes anos. Os processos estão sendo renovados a cada dia e cada vez mais professores conseguem diversificar as suas aulas aplicando novos métodos de ensino.

A principal busca da escola atual é de fazer com que a instituição deixe de ser um ambiente de reprodução para se tornar um ambiente de construção do conhecimento. É pensar neste ambiente como um local próprio para o desenvolvimento social, pessoal, cognitivo e afetivo único para cada indivíduo que ali está. Pensando nesta missão da escola podemos ver que, por integrar muitas culturas e crenças diferentes, além da cultura que já é própria de instituição, é algo que se torna um pouco mais difícil. Por este motivo é necessária esta diversidade por parte dos integrantes da escola para conseguir atingir cada aluno da melhor forma possível. Ou seja, é preciso atender às necessidades e interesses de cada um.

Com esta evolução e perspectiva da escola hoje em dia, podemos perceber que a principal busca desta instituição é formar pessoas com conhecimento e espírito crítico, para que sejam responsáveis e tenham autonomia para seguir a vida da melhor forma possível após esta jornada escolar.

3.3. Escola Cooperante: um Espaço de Crescimento

A Escola Cooperante é uma instituição baseada nas premissas da religião Católica e pertence a Diocese do Porto. Esta parceria existe desde

1933, conseguindo desta forma um colégio que busca a inovação, a reflexão e a troca de experiências entre todos os envolvidos com o processo de aprendizagem dentro da escola.

A Escola conta com um alto número de alunos distribuídos em todos os diferentes níveis de ensino. Tem a sua vertente privada desde o ensino pré escolar até o terceiro ciclo. No ensino secundário consegue ter uma vertente gratuita, porque tem financiamento do Programa Operacional de Capital Humano (POCH). A Instituição conta também com uma localização muito boa, muito próxima dos principais transportes públicos, vias principais da cidade e autoestradas, facilitando assim o acesso à escola.

No ensino secundário, onde decorreu a minha prática pedagógica, a Escola Cooperante está dividida por cursos. Estes seguem as diretrizes do Ministério da Educação, mas possuem autonomia para ter planos próprios para cada um dos cursos. Ao final da passagem pelo secundário do Colégio, a intenção é que os alunos estejam prontos para iniciar um curso de graduação na faculdade ou que estejam preparados para ingressar no mercado de trabalho.

Por dispor de muitos cursos de variadas áreas, a Escola dispõe de um quadro de docentes muito amplo, com um número de no mínimo 4 professores por disciplina. Também conta com diversos funcionários e núcleos de apoio para os alunos e família. Esta grande estrutura é que torna possível a formação dos alunos de uma forma integral e inovadora que a Escola Cooperante preza, buscando estar presente e apoiando os alunos em todo o seu percurso escolar. Acredito, desta forma, pelo que pude perceber sobre a Instituição, que é um local voltado ao aluno e sua integral formação, atuando com diversidade para trazer o maior número de experiências diferentes aos educandos.

Em relação às condições físicas dos espaços para as aulas de Educação Física, a Escola Cooperante dispõe de um espaço muito privilegiado para a prática. Tivemos a disposição para trabalhar, durante o estágio, dois pavilhões que permitem a prática de diversos desportos, um campo de relva sintética, campo exterior para diversos desportos e ainda espaço para a prática da modalidade de atletismo. Claro que devido ao grande número de turmas que realizavam aula nos mesmos horários, os professores de Educação Física faziam rotatividade dos espaços. Este foi acordado no início do ano letivo. Para

as minhas aulas ficou determinado que utilizaríamos o Pavilhão A. É lógico que durante o ano letivo também pude utilizar o espaço externo para realizar muitas aulas. Também houve muitas vezes que a rotatividade foi modificada devido ao fato de um ou outro professor precisar de algum espaço diferente. Nesse caso, as combinações eram feitas de forma tranquila e conversada entre os professores. Enquanto estagiários, entendendo que fomos muito privilegiados em relação aos espaços, acredito que também o fomos em relação aos materiais. Para as diversas modalidades que lecionamos havia materiais suficientes. Algumas vezes precisámos de dividir materiais com outros professores porque estava a lecionar a mesma modalidade naquele dia. Quando houve falta de material, a instituição fez a aquisição de materiais novos.

Desta forma, em relação ao espaço físico e materiais para a área da Educação Física, acredito que o nosso núcleo de estágio esteve muito bem servido durante este ano de estágio profissional. É um fato, que pudemos fazer parte e lecionar aulas com mais qualidade devido à estrutura que a Instituição nos ofereceu.

3.4. Grupo de Educação Física: a Cada Dia um Novo Aprendizado

Durante este ano de estágio profissional tive o privilégio de poder estar envolvido por grandes pessoas e grandes profissionais. Pessoas experientes, tanto nas ações docentes quanto as lições de vida. Refiro-me ao grupo de professores de Educação Física.

O grupo era composto por 6 professores com muitos anos de serviço na casa. Havia também mais duas colegas do núcleo de estágio e mais dois colegas do núcleo de estágio de outra instituição de ensino. No total éramos 11 pessoas a trocar experiências quase todos os dias na prática. Sei que o meu envolvimento esteve um pouco abaixo do esperado em relação às atividades extra-curriculares do grupo, como reuniões. Infelizmente não consegui estar presente nestes momentos durante o ano letivo. Mas procurei participar ao máximo das atividades que o grupo de Educação Física desenvolvia em

parceria com os estudantes estagiários, como por exemplo nos torneios desportivos.

Em relação às práticas dos professores de Educação Física da escola cooperante, estas eram bem distintas. Enquanto alguns professores procuravam inovar com modelos de ensino mais voltados para os alunos, como, por exemplo, a utilização do modelo de ensino do jogo para a compreensão, outros optavam por métodos mais clássicos de ensino, como por exemplo, o modelo de instrução direta. Cada um funcionava com a sua forma bem definida de lecionar as aulas. Seus métodos eram bem interessantes e variados, indo de aulas mais detalhadas em nível de execução técnica a aulas mais descontraídas a ponto de fazer o desporto à escolha dos alunos. Na minha visão, pelo que pude observar durante este ano, a diversificação das aulas de Educação Física é essencial, desde que ela seja baseada em uma estrutura pré-definida pelo professor no início do ano letivo. Pelo que pude perceber os professores da instituição já possuem seus métodos de ensino que utilizam há muito tempo. Já conseguem delinear o ano de trabalho de acordo com os seus pensamentos e orientações que já trazem ao longo dos anos. Foi muito enriquecedor poder estar próximo e observar estas diferentes formas de estar e maneiras de lecionar as aulas. Pude crescer imenso em relação à minha estrutura e modelo de aula, tanto em relação à montagem do plano de aula na distribuição das atividades, quanto em relação a prática propriamente dita, onde pude observar estratégias de transições entre exercícios, montagens de estruturas de atividades, entre outros fatores.

Mas acredito que o grande aprendizado foi sempre durante o dia a dia, onde podia trocar informações e experiências, falando e observando os professores mais experientes. A parte fundamental desta fase do aprendizado foram as trocas que fiz com o professor cooperante. Ao longo deste ano pude receber e adquirir muita experiência e ensinamentos que o professor cooperante me passava. Praticamente, ao final de cada aula havia uma consideração a ser feita. Ora uma orientação mais técnica, ora uma conversa mais informal.

Pude perceber que por esta relação cresci muito este ano a nível técnico na parte docente, mas muito também em relação ao lado pessoal. A cada dia, durante todo este ano, em que estava na Escola Cooperante sentia que havia

um novo aprendizado. Sempre ao sair de lá levava questões para refletir ou ensinamentos já internalizados.

3.5. Núcleo de Estágio: uma Parceria de Qualidade

Outro ponto fundamental em relação ao estágio profissional, que me ajudou a sustentar durante todo este ano letivo foi o Núcleo de Estágio. Esta equipe de trabalho foi extremamente importante para auxiliar a minha caminhada neste período de lecionação na escola cooperante.

Confesso que ao início não fiquei muito contente com o meu núcleo de estágio, pois não consegui ficar com nenhum colega que fazia parte da minha turma do mestrado e muito menos do meu grupo de amigos. Percebi também, inicialmente, que teria que me esforçar muito para conseguir manter o nível e estar próximo das minhas colegas de estágio, visto que eram duas alunas muito competentes, com um nível de conhecimento muito alto e muito aplicadas. A fasquia estaria muito elevada neste nosso grupo de trabalho.

No início, devido à minha dificuldade em termos do horário em que podia estar presente na escola cooperante, e devido ao fato de não nos conhecermos muito bem, a comunicação e a elaboração dos materiais iniciais ficou bem prejudicada em relação ao trabalho de grupo. As minhas duas colegas estavam numa sintonia muito boa, mas eu estava bem fora desse contexto. Para demonstrar essa distância que havia entre nós, percebia que a ligação delas com os outros colegas de estágio, da outra instituição de ensino, era muito mais próxima. Para a preparação das atividades, as conversas eram muito mais constantes com os nossos outros colegas estagiários. Nesta fase, me via muito afastado deste grupo. O primeiro período foi todo assim. Acabei fazendo o meu trabalho sozinho e elas fizeram o delas em conjunto.

Percebi que minha postura estava muito fora das perspectivas para qual o estágio aponta. Precisava de me integrar mais. Tentei fazê-lo aos poucos, mas ainda assim, devido as questões de dedicação de tempo, que era muito diferente das minhas colegas, não consegui aproximar-me. Neste meio tempo tive algumas conversas com o professor cooperante e sei que ele teve conversas deste tipo com as colegas de estágio no sentido de conseguirmos ser um núcleo de estágio mais próximo, mais unido.

Penso que começamos a partir desse momento, após as conversas com o professor cooperante, tentarmos todos modificar a nossa forma de estar dentro do grupo. Comecei a participar mais e percecionei que estava a conseguir me integrar melhor. Notei muita diferença nas minhas colegas também. Estavam muito mais próximas de mim, conseguíamos trocar mais informações, conteúdos, ideias, materiais. A relação estava mais próxima.

Acredito que ainda assim eu não tenha conseguido ter a proximidade necessária para poder dizer que tínhamos um grupo unido e coeso. Fomos buscando isso até o último momento. Mas meus problemas particulares acabaram por prejudicar essa relação que poderia ter sido muito melhor. Em relação às minhas colegas, desde esse momento da mudança, tenho apenas que agradecer toda a força que elas me deram. Foram essenciais para que eu continuasse no estágio. Me ajudaram com conselhos, materiais, ajudas na prática e muito mais.

No fim, penso que acabamos de uma forma muito positiva o estágio em relação ao nosso núcleo. A proximidade foi muito maior. Aprendi muito neste ano de estágio e muito graças às minhas colegas. Digo isso a nível profissional e, acredito que, muito mais, a nível pessoal. Apesar de eu não conseguir ser aquilo que poderia e gostaria para o nosso núcleo, a parceria foi de muita qualidade.

3.6. As Turmas com que Aprendi

O aprendizado foi constante durante todo o estágio. Aprendia a cada dia com o professor cooperante, com as minhas colegas do núcleo de estágio e com os professores de Educação Física. Mas acredito que um dos grandes aprendizados pelo qual pude passar neste ano de lecionação foi com os atores principais deste processo de ensino aprendizagem, os alunos, mais especificamente, com o 6º ano, o 10º ano e o 11º ano, as turmas que lecionei.

Começando pelos mais velhos, a turma do 11º ano, esta foi uma turma muito desafiante. Era uma turma relativamente grande, com 30 alunos, sendo 17 meninos e 13 meninas. Pensei no primeiro dia de aula, que seria a turma com que teria menos dificuldades e que teria mais afinidade. A parte da afinidade até pode ter acontecido, mas em relação à parte da dificuldade,

acredito que não aconteceu. Na realidade, esta foi a turma em que o trabalho foi maior. A exigência de conhecimento técnico em relação à planificação e elaboração dos planos de aula foi superior. Penso que isso se deveu ao facto de ser uma turma de desporto, em que muitos alunos eram atletas de várias modalidades. Devido a este facto, o nível motor e de aptidão física eram bem elevados. A cultura desportiva também era um fator positivo desta turma, tendo, de uma forma geral, um bom conhecimento desportivo. E quanto a questão comportamental também foi de um nível de exigência bem alto devido ao facto de ter alunos com comportamentos inapropriados e com dificuldades de seguir regras.

A questão da aproximação que tive com maior parte da turma foi um fator que acabou por ajudar muito durante a lecionação das aulas nesta turma. Posso dizer que criei com eles uma “parceria”, consegui, muitas vezes, que as aulas fossem de qualidade. Acredito que o saldo que tenha ficado seja positivo, mas penso que poderia ter conseguido passar mais conteúdos, informações e ensinamentos para a vida se tivesse um ambiente mais tranquilo durante as sessões.

Já em relação ao 10º ano, me deparei com uma turma muito diferente das turmas com que já tinha tido contacto. Era uma turma muito boa para trabalhar em relação à aceitação quanto à aplicação dos conteúdos. Estavam sempre dispostos a fazer as atividades. Eram muito poucos alunos que possuíam alguma resistência as atividades propostas. Mas ao mesmo tempo era uma turma que gostava muito de conversar. Esse foi o nosso maior desentendimento ao longo do ano. Em momentos importantes de explicações e feedbacks, por exemplo, precisava parar muitas vezes para chamar a atenção para as conversas que atrapalhavam.

Ao contrário do 11º ano, em que a turma era equilibrada entre rapazes (17) e raparigas (13), a do 10º era formada em sua maioria por meninas (20 raparigas) e poucos meninos (7 rapazes). Essa foi a diferença que falei logo ao início. Nunca havia trabalhado com uma turma com muitas meninas e tão poucos rapazes. Ao contrário, com mais meninos, já estava mais acostumado. O que acabou ficando registrado sobre este facto ao longo do ano, é que a turma com mais raparigas dá um ar de mais “tranquila”, mais “leve” para a turma. Pois, apesar de ter muitas atletas nesse grupo, as meninas acabavam

por não ser muito competitivas. Facto que tornou as aulas ainda mais tranquilas. Este ambiente sereno intensificou-se pelo facto de os poucos meninos que faziam parte deste grupo também não serem nada competitivos. Em termos gerais a turma não possuía um nível motor muito bom. Tinham muitas dificuldades para executar algumas atividades bem simples. Aliado a isso, o nível de aptidão física era um pouco baixo também, fato que fazia com que as aulas tivessem pouca intensidade.

Acredito que, assim, como no 11º ano, no 10º ano o saldo final das aulas foi bem positivo. Penso que com esta turma, devido ao ambiente mais tranquilo que se instalou durante as aulas e o nível comportamental ser bem bom nessa turma, consegui acrescentar mais valores às sessões. Consegui abordar questões relacionadas a uma formação mais integral dos alunos nesta turma em comparação ao que consegui acrescentar ao 11º ano. A relevância das aulas, a meu ver, foi maior com este grupo de alunos.

Por fim, o 6º ano, começo por lamentar o facto de ter lecionado apenas uma unidade didática. Foi uma turma que desde o início me agradou em todos os sentidos. Eram alunos interessados, atentos, participativos e bem educados. Mesmo assim não era um grupo muito fácil de trabalhar, isto porque eram muito competitivos. Não na sua totalidade, mas em boa parte, pelo que estas questões estavam sempre a vir à tona nas aulas. Essa era uma turma bem dividida em diversos aspectos. Possuía um número bem dividido entre meninos e meninas (8 rapazes e 7 raparigas). Também posso dizer que metade da turma tinha um bom nível motor e bom nível de aptidão física, enquanto a outra metade estava um pouco abaixo deste nível. Quanto aos aspectos comportamentais, posso dizer que era uma turma muito bem comportada. Não precisava chamar a atenção deles em momentos importantes da aula e respondiam bem as solicitações dos professores.

A unidade didática foi preparada com o professor titular da turma, bem como o acompanhamento dos alunos. Foi muito prazeroso poder ver a evolução de cada aluno e da turma em geral. Acredito que tenha sido a turma, daquelas que lecionei este ano, que mais evoluiu ao nível da modalidade desportiva. Além disso, pude perceber mais duas questões em que acredito muito. Primeiro o facto de que a nossa intervenção tem mais impacto nos alunos mais novos. Fazemos mais a diferença para estes alunos ao nível de

formação pessoal, que acredito ser mais importante que a aprendizagem numa modalidade, do que em alunos do ensino secundário. Claro que isto é um pensamento pessoal, que formei ao longo destes poucos anos que possuo de experiência. E o segundo facto é que só confirmei, mais um pouco, a minha “preferência”, ou “maior habilidade”, ou ainda “maior prazer” em trabalhar com alunos mais novos. Penso que a responsabilidade é maior, pelo facto de que estamos influenciando a vida deles, num período etário de formação da identidade da pessoa. Acredito ser mais prazeroso e gratificante lecionar nestes escalões etários.

Para finalizar este tópico, digo que passei por algumas dificuldades de adaptação à lecionação de aulas. Mesmo que seja pequena a minha experiência, já havia lecionado no Brasil. Esta mudança de país é bastante grande em relação às aulas nas escolas portuguesas, bem como nas planificações, nas exigências feitas aos alunos, na forma de avaliar, entre outros fatores. Portanto, neste sentido, acabei por demorar um pouco mais a adaptar-me, acabando por não alcançar uma adaptação por completo. Mas, mesmo assim, ao fim deste ano letivo, pude ver que o meu crescimento a nível profissional em relação a planeamento, didáticas em sala de aula, avaliações e conteúdo técnico, foi muito grande. E a nível pessoal nem se fala. O que aprendi, muito com as turmas em que lecionei, foi uma quantidade enorme de ensinamentos, que nem é possível de ser mesurada, e que vou levar para o resto da vida.

EDUCAÇÃO FÍSICA E SUA LEGITIMAÇÃO

4. EDUCAÇÃO FÍSICA E SUA LEGITIMAÇÃO

A disciplina da Educação Física vem sendo menosprezada há muito tempo no contexto curricular. Este fato decorre de muitos aspectos que ao longo dos anos foram ganhando força muitas vezes devido à atitude dos professores diante de situações em que eram postos à prova, em que precisavam defender e mostrar os verdadeiros objetivos e significados da disciplina. Neste sentido, Graça (2014, p. 103) fala que “caracterizamos a educação física como uma área de alta necessidade (nos discursos) mas de baixa exigência (na prática) e argumentamos que a ecologia da escola tende a favorecer um tipo de orientação curricular de participação ordeira, sem pressão de rendimento”. Isto é, não conseguimos defender com ações práticas no “campo de jogo” a Educação Física.

Este descrédito também pode ter sido instaurando pelo facto de que a Educação Física sempre esteve, e ainda está sendo vista, de uma maneira equivocada pelas pessoas que fazem parte da comunidade escolar. Diretores, professores de outras disciplinas, pais, alunos e também alguns professores da própria área possuem uma visão deturpada a respeito dos principais objetivos e reais benefícios que a disciplina pode trazer aos alunos fazendo com que a imagem já fique mais inconsistente. Importa assim refletir sobre o valor que a disciplina tem dentro do currículo escolar. De acordo Graça (2015, p. 15), “a inclusão da educação física ou de qualquer outra disciplina no currículo escolar afirma a sua legitimidade pela evidência do seu valor educativo, pelo seu poder de aumentar a capacidade de compreender e agir do mundo, pelo seu contributo esperado para o bem-estar e a realização das pessoas e a melhoria da sociedade”. Durante este capítulo vou citar alguns fatores que podem ser vistos como um valor educativo da Educação Física, mas já podemos adiantar que, através do desporto, por exemplo, a Educação Física consegue apresentar e fazer melhorar esta capacidade de compreender a forma como o mundo e a sociedade funcionam. As questões de derrota e vitória, disputas, tratamento com o próximo, ajuda a colegas, entre outros fatores, são muito trabalhados durante as aulas e são situações que as pessoas enfrentam todos os dias na vida.

Normalmente a Educação Física tem como propósito central fazer com que os alunos tomem gosto pelo exercício físico e não proporcionar saúde. Sobre este tema, Graça (2014, p. 103) diz que “na atual conjuntura de esgotamento do currículo dominante das habilidades desportivas, os movimentos reformadores são fortemente pressionados pelo discurso da saúde e pela procura de legitimação por via de uma academização da educação física com a valorização do conhecimento proposicional”. Este fato acaba por deixar o entendimento sobre a disciplina da Educação Física ainda mais conturbado, visto que o propósito central das aulas não pode ser este. Matos (2014, p. 169) ainda reforça este assunto dizendo que “conduzir a educação física na escola só com base na sua ligação a saúde pode ser eticamente irresponsável, se aquilo que esta justificação envolve, não for enquadrado numa estrutura normativa mais abrangente, que se articule com as finalidades de uma boa educação física”. Na maioria das vezes os professores da disciplina entendem estas diferenças, mas o problema é que as pessoas que são leigas no assunto não veem desta maneira, o que acaba por não clarificar a ideia da Educação Física na escola. Este é apenas um dos motivos para esta discussão sobre a legitimação da Educação Física. Ao longo deste tópico coloco em exposição muitos outros factores que procuram atestar a importância da disciplina no currículo escolar.

Por se tratar de um assunto bastante polêmico, foi abordado em diversas unidades curriculares no 1º ano do curso. Um dos pontos fundamentais é a reflexão acerca da Educação Física como parte integrante do currículo. Isto se deve pela importância formativa, pelo significado cultural que suas atividades físicas trazem através do corpo e por ter uma ação que potencializa a outras áreas do conhecimento. Segundo Graça (2014, p. 108), “a orientação dominante no tratamento didático dos jogos assente no ensino das habilidades isoladas e de uma exposição desamparada ao jogo, entendida como mera aplicação de técnicas, vai a pouco e pouco gerar um sentimento de improdutividade, de conformismo e de cansaço”. Por este motivo é que não se pode tratar a Educação Física apenas como um espaço para se trabalhar apenas habilidades isoladas. Isto por ser a única disciplina que dá importância ao corpo e trabalha os aspectos do movimento e do jogo também, os quais são fundamentais para o desenvolvimento humano, tendo o desporto como a

principal matéria do seu currículo, servindo de grande valor para a formação da corporeidade. Acrescentando a este assunto, Matos (2014, p. 186), diz que “a disciplina de educação física desempenha um papel único e insubstituível na formação do aluno, dado que é a única disciplina do currículo escolar que representa os interesses corporais da escola”.

Seguindo a perspectiva da formação da corporeidade, pensamos que a Educação Física é fundamental para explicar ou exemplificar a questão de que não somos nada sem nosso corpo e que tudo aquilo que somos passa pelo nosso corpo e que, por este motivo, esta disciplina nos auxilia a melhor nos conhecer corporalmente, dominando, aceitando e gostando dele. Matos (2014, p. 187), afirma que “a educação física contribui para a formação integral do aluno através de aprendizagens motoras significativas para o desenvolvimento da competência do aluno, através da ação corporal competente”. Com este conhecimento corporal que podemos adquirir através da prática das atividades nas aulas, conseguimos ajudar na estruturação da corporeidade, o que irá ajudar a área cognitiva das crianças, fazendo com que compreendam palavras de noção espacial e percebam diferenças em letras com pronúncias parecidas, por exemplo.

Os professores devem ser agentes na conscientização dos alunos para a prática de atividades desportivas além da aula de Educação Física escolar, para que esta prática seja sistemática e com intencionalidade educativa para auxiliar na formação da corporeidade e na preparação dos alunos para a vida. Neste mesmo caminho, Gomes, Queirós e Silva (2014, p. 132) referem que “educar no e pelo desporto é uma das missões da escola, facultando a meninas e meninos cultura desportiva e competência desportivo-corporal, favorecendo o desenvolvimento da personalidade, proporcionando valores, razões, motivos e saberes que ajudarão a nortear as suas vidas”. Seguindo neste pensamento da Educação Física humanista, Matos (2014, p.170), nos diz que “trata-se, então, de determinar o significado de categorias como o movimento, o jogo, o desporto, o rendimento, para a educação e formação do ser humano”. Apesar de muitos alunos das turmas que lecionei no estágio que já realizarem atividade desportiva extracurricular procurei fazer com que eles se interessassem pelas atividades durante as aulas visando uma maior adesão nas atividades após o período letivo. Podemos conseguir um retorno muito

grande através do desporto, pois para além de estimularmos a parte física e cognitiva do aluno, entramos na questão dos valores, que são um ponto fundamental para formar o aluno de forma integral. Através do desporto podemos fomentar as questões de trabalho em equipe, superação, esforço, competição, aceitação, entre outros, todos sendo utilizados ao longo de toda a vida. Durante a elaboração das unidades didáticas das várias modalidades, esses eram sempre pontos importantes que buscava acrescentar para dar mais valor às aulas. Nesse sentido, Batista e Queirós (2015, p. 39) acrescentam que, “neste contexto, e enquanto prática sociocultural com influência no processo de construção da cidadania dos indivíduos, a Educação Física, no mapa curricular, possibilita o aumento do repertório de conhecimentos/habilidades, bem como a compreensão e a reflexão sobre a cultura corporal, reunindo um vasto patrimônio da cultura desportivo/motora”. Este fato auxilia na formação do indivíduo de forma integral através do aumento da cultura corporal, fazendo com que o aluno se desenvolva de maneira mais ampla dentro do processo de aprendizagem.

Portanto, podemos ao longo desta explanação perceber os muitos motivos pelo qual a Educação Física merece um lugar entre as grandes e importantes disciplinas do currículo escolar. De acordo com Batista e Pereira (2014, p. 82), “a Educação Física reclama-se por uma prática desportiva sistemática, carregada de intencionalidade educativa, concebida de forma integrada e com significado cultural, capaz de proporcionar prazer ao praticante (neste caso ao aluno), fundada nos valores do desporto”. Terminamos colocando a situação de que com as aulas de Educação Física e o desporto, aprendemos a viver, lutar pelo que queremos e a não desistir. E reforçando a ideia da importância da legitimação Educação Física, Matos (2014, p. 157), nos diz que “os fundamentos que ditaram o lugar da Educação Física no sistema educativo, bem como a forma como historicamente se desenvolveram (ou não) os argumentos teóricos da sua justificação, ajudam-nos a sintetizar a compreensão de uma conceção de Educação Física integradora, humanista, centrada na formação integral do aluno, com aprendizagens significativas para o seu desenvolvimento e formação, através da ação desportivo-motora corporal competente”. Por estes motivos o professor de Educação Física se torna muito importante, pois será um agente fortíssimo para a formação dos alunos como

um todo, incentivando a área motora, cognitiva e sócio afetiva. Este deve ainda passar por cima das mudanças sociais que estão acontecendo e continuar o trabalho focado em incentivar ao máximo seus alunos para que tenham gosto pela prática da atividade física e para conseguir uma formação integral do indivíduo.

REALIZAÇÃO DA PRÁTICA PROFISSIONAL

5. REALIZAÇÃO DA PRÁTICA PROFISSIONAL

Esta parte do relatório materializa a intervenção nas áreas de desempenho consideradas no estágio: Área 1: Organização e gestão do ensino e da aprendizagem; Área 2: Participação na escola e relações com a comunidade; Área 3: Desenvolvimento profissional.

5.1. Organização e Gestão do Ensino e da Aprendizagem

A área 1 engloba a concepção, o planejamento, a realização e a avaliação do ensino. Esta área é orientada por objetivos pedagógicos, tendo o objetivo ligado à construção de uma estratégia de intervenção que respeite o conhecimento válido no ensino da Educação Física. Isto para que, com eficácia pedagógica, seja conduzido o processo de educação e formação do aluno na aula de Educação Física. Segundo o documento das Normas Orientadoras do Estágio¹ (2015/2016, p.5), as principais tarefas do estudante estagiário nesta área são: lecionar as aulas das turmas atribuídas, elaborar documentos de planejamento a nível anual, unidade didática e aula, elaborar os planos de observação sistemática e realizar as respetivas observações, elaborar as reflexões (reflexões autónomas ou inseridas no diário de bordo), participar nos conselhos da turma residente e nas reuniões do departamento curricular e do grupo disciplinar e construir e manter atualizado o portfólio.

5.1.1. Da análise documental ao planeamento

Para dar início aos trabalhos nesta área, comecei o ano com a análise de alguns documentos norteadores do estágio e da prática docente. Como princípios foram apresentados os documentos e normas orientadoras do estágio profissional. Esta leitura serviu para conseguir identificar as funções que precisaria exercer durante este ano de estágio. Também ajudou a organizar e perceber a sequência do trabalho a ser elaborado a nível individual e coletivo.

¹ In Normas orientadoras do estágio profissional do ciclo de estudos condicente ao grau de mestre em ensino da educação física nos ensinos básicos e secundários da FADEUP.

Seguindo neste processo de análise de documentos, após esta primeira impressão sobre a regulamentação do estágio, o professor cooperante indicou a necessidade de leitura e reflexão do Projeto Educativo de Escola, do Regulamento Interno e do Regulamento da Educação Física da Escola Cooperante. Esta análise permitiu-me perceber o funcionamento da instituição, assim como os objetivos, intenções e prioridades que a escola possui como norteadoras da sua ação. Outro aspecto importante de ressaltar desta reflexão foi o facto de entender melhor quais os direitos e deveres de todos os participantes da comunidade educativa. Para este processo de análise destes documentos gerais, utilizamos uma reflexão coletiva entre os colegas de estágio, o que enriqueceu mais o trabalho.

Com o intuito de tornar mais específicas as ações da minha prática com os alunos, antes de iniciar a preparação para o planeamento mais detalhado, realizei uma ficha de caracterização dos alunos (ver Anexo 4) para tentar perceber melhor o tipo de planeamento que precisaria ser feito. Com base nestes dados recolhidos e após analisar os Programas Nacionais de Educação Física do Ensino Secundário, realizei o Plano Anual. Após visualizar o calendário anual do Colégio, os programas nacionais e as fichas de caracterização dos alunos, realizei a distribuição das modalidades consoante os espaços que teria disponível e as condições climáticas. Não consegui proceder com estas análises juntamente com o núcleo de estágio, fato que acredito que teria sido mais interessante e produtivo. Esta distribuição das modalidades por período e a quantidade de aulas de cada uma se encontram na Tabela 1.

Tabela 1: Modalidades lecionadas por período.

CALENDÁRIO ESCOLAR 2018/2019

MODALIDADES DESPORTIVAS POR PERÍODO

	SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN
S				1 - Test Ind						
D				2						
S		1		3				1		
T		2 Corfebol		4 Andebol	1 And Novo			2 Basquete		
Q		3 Corfebol		5 Andebol	2			3 Basquete	1 Trabalho	
Q		4	1 T. Santos	6	3 2º P			4	2 Expo	
S		5 1 República	2 Corfebol I	7 Andebol	4	1	1	5	3 Expo	
S		6	3	8 - Imar. Con	5	2	2	6	4 Expo	1
D		7	4	9	6	3	3	7	5	2
S		8	5	10	7	4	4	8	6	3
T		9 Atletismo	6 Atletismo	11 Andebol	8 Volei	5 Volei	5 Carnaval	9 Aula Reserva	7 Futebol	4 Futebol
Q	5 Início 11/12º	10 Atletismo	7 Atletismo	12 Andebol	9 Volei	6 Volei	6	10 Fim 2º P Aula Reserva	8 Futebol	5 Fim 11/12º Futebol
Q	6	11	8	13	10	7	7	11	9	6
S	7 Jornadas	12 Atletismo	9 Atletismo	14 Andebol	11	8	8	12	10	7
S	8	13	10	15	12	9	9	13	11	8
D	9	14	11	16	13	10	10	14	12	9
S	10 Início 10º	15	12	17	14	11	11	15	13	10 Portugal
T	11 Apresentação 10º/11º	16 Corfebol	13 Atletismo	18 Aula Reserva	15 Badminton	12 Badminton	12 Basquete	16	14 Ginástica	11 Aula Reserva
Q	12 Treino Físico 10º	17 Corfebol	14 Atletismo	19 Fim 1º P Aula Reser.	16 Badminton	13 Badminton	13 Basquete	17	15 Ginástica	12 Aula Reserva
Q	13	18	15	20	17	14	14	18	16	13
S	14 Treino Físico 11º	19 Corfebol	16 Atletismo	21	18	15	15	19 St Santa	17	14 Fim 10º
S	15	20	17	22	19	16	16	20	18	
D	16	21	18	23	20	17	17	21 PASCOA	19	
S	17	22	19	24	21	18	18	22	20	
T	18 Corfebol	23 Atletismo	20 Andebol	25 NA TAI	22 Volei	19 Volei	19 Basquete	23 3º P Futebol	21 Futebol	
Q	19 Corfebol	24 Atletismo	21 Andebol	26	23 Volei	20 Volei	20 Basquete	24 Futebol	22 Futebol	
Q	20	25	22	27	24	21	21	25 Liberdade	23	
S	21 Corfebol	26 Atletismo	23 Andebol	28	25	22	22	26	24	
S	22	27	24	29	26	23	23	27	25	
D	23	28	25	30	27	24	24	28	26	
S	24	29	26	31	28	25	25	29	27	
T	25 Atletismo	30 Corfebol	27 Andebol		29 Badminton	26 Badminton	26 Basquete	30 Ginástica	28 Ginástica	
Q	26 Atletismo	31 Corfebol	28 Andebol		30 Badminton	27 Badminton	27 Basquete		29 Ginástica	
Q	27		29		31	28	28		30	
S	28 Atletismo		30 Andebol				29		31 Dia Colégio	
S	29						30			
D	30						31			
	17 ou 18	22	21	13	21	20	18	12	22	5 ou 9

1º PERÍODO: 5/10 de setembro até 19 de dezembro

2º PERÍODO: 3 de janeiro a 10 de abril

3º PERÍODO: 23 de abril a 5 de junho (11º e 12º anos)

23 de abril a 14 de junho (10º ano)

INTERRUPÇÃO: 20 de dezembro a 2 de janeiro

INTERRUPÇÃO: 4 a 6 de março

INTERRUPÇÃO: 11 de abril a 22 de abril

Legenda:

Cor	Modalidade	Aulas	Cor	Modalidade	Aulas	Cor	Modalidade	Aulas	Cor	Modalidade	Aulas
	Corfebol	8		Andebol	8		Voleibol	8		Futebol	8
	Atletismo	10		Badminton	8		Basquete	8		Ginástica	5

O próximo passo foi elaborar as **Unidades Didáticas** (ver Anexo 1) para o primeiro período levando em consideração os aspectos já mencionados, com o objetivo de adequar o planejamento, ao máximo, às necessidades dos alunos das turmas que lecionei. A ideia inicial na elaboração das unidades didáticas foi tentar aplicar a maior parte dos conteúdos que havíamos visto durante o curso de mestrado. Procurei ir a busca de modelos de ensino que colocassem os alunos no centro do processo e fossem atrativos para manter o gosto dos alunos pelas aulas, como, por exemplo, o ensino do jogo para a compreensão. Senti dificuldade principalmente na elaboração das unidades didáticas do primeiro período. Dividir todo o conteúdo que precisava, ou que gostava de lecionar, em poucas aulas foi bem difícil. Era muita coisa para conseguir lecionar em tão pouco tempo. Mas, a elaboração destas primeiras unidades didáticas foram essenciais para a elaboração das dos períodos a seguir. Consegui fazer as alterações necessárias de um período para outro adequando as unidades didáticas do segundo e terceiro período de acordo com as modalidades que previ lecionar. Com isto, adquiri uma maior facilidade em organizar os conteúdos das modalidades dentro da unidade de forma a conseguir lecionar conteúdos mais relevantes das modalidades. No terceiro período aconteceu algo que facilitou ainda mais esta parte do trabalho. Em acordo com uma colega de estágio, decidimos lecionar as mesmas modalidades durante o mesmo tempo dentro do período e, assim, acabamos realizando as unidades didáticas conjuntamente. Neste contexto, a troca de informações sobre as aulas foi bem maior, o que facilitou muito a leção das modalidades. Acredito que, de certa forma, após os ajustes nas unidades didáticas, não tive muitas dificuldades em realizar o que havia planejado. Penso que as dificuldades maiores foram no passo a seguir. Com as Unidades Didáticas feitas, parti para a realização dos planos de aula (ver Anexo 2). Aqui acredito que enfrentei maiores dificuldades, tanto na hora de planejar, quanto na hora de aplicar os planos durante as aulas. Penso que a maior dificuldade não aconteceu no sentido de ter um repertório pequeno de atividades para utilizar, mas sim em construir a estrutura do plano conseguindo interligar as atividades com os objetivos a serem trabalhados e conseguir pensar bem as componentes críticas para conseguir fornecer bons feedbacks durante as aulas. Face este quadro, optei por iniciar duas modalidades em simultâneo

fazendo uma a cada semana, ou seja, duas aulas, pensando ser uma boa forma de deixar os alunos interessados nas modalidades lecionadas através dessa rotatividade nas aulas. Estes planejamentos, assim como todos, visam otimizar o tempo potencial de aprendizagem dos alunos através de exercícios adaptados às dificuldades e potencialidades deles. Os planos de aula possuíam um modelo mais ou menos pré-definido, como mostra a Tabela 1. Em relação a estrutura, por este motivo, não tive dificuldade. Nesta fase do planejamento também foram levados em consideração os conteúdos de ensino, as tarefas, a adaptação as instalações disponíveis e os recursos, buscando as melhores estratégias para o processo de ensino-aprendizagem.

5.1.2. A operacionalização do planeado

Após a etapa de planejamento, entramos na fase de realização, correspondente à aplicação prática de tudo o que já venho estudando e planejando. Nesta fase foi importante ter em conta a questão da especificidade de cada modalidade. É preciso ter um domínio do conteúdo e também saber aplicá-lo na prática. Para isto, procurei estar preparado para as situações mais imprevisíveis, estando sempre atento e procurando ser o mais criativo possível. Também precisei estar preparado para buscar alternativas para tornar as aulas mais atrativas e motivantes para os alunos e, ao mesmo tempo, procurar cumprir com os objetivos estabelecidos.

Importante ressaltar ainda que foi preciso buscar desenvolver e promover as aprendizagens de forma significativa, fomentando a noção de competência no aluno e envolvendo-os da forma mais ativa possível no processo de aprendizagem. Para isso precisei cuidar da qualidade da instrução e mais especificamente do feedback, procurando também fazer uma boa gestão da aula, mantendo um clima favorável à aprendizagem, aspectos que explorei mais detalhadamente no estudo realizado e objeto de desenvolvimento num ponto posterior. Pelo facto de não estar conseguindo ser efetivo na prática procurei perceber o porquê e percebi que alguns aspectos podem fazer a diferença neste quesito como, por exemplo, usar a terminologia específica da Educação Física, recorrer a ajustamentos do planejamento quando necessário e ter um conhecimento adequado sobre as modalidades abordadas. Assim

como as reflexões, que foram necessárias realizar após as aulas ministradas, para poder fazer os ajustamentos precisos relativamente à aprendizagem dos alunos. Sendo este último ponto citado de extrema importância, pois é através da reflexão nos diários de bordo que pude perceber muitos pontos positivos e negativos da minha prática para melhor adequá-la, procurando soluções para conseguir aprender e desenvolver-me profissionalmente.

Posso acrescentar mais um aspecto de muita relevância nesta etapa da realização do planeamento, as observações, tanto as realizadas por mim aos colegas de estágio, quanto àquelas que elas realizam a mim. Esta parte do processo foi onde conseguimos ter a percepção de um observador de fora do processo. Muitas vezes não conseguimos perceber algumas coisas sobre o que estamos fazendo na prática, pois já temos as nossas crenças e vivências. Mas com a observação de outros conseguimos ter pareceres de pessoas com crenças e experiências diferentes. Na prática, consegui receber das minhas colegas de núcleo de estágio novas perspectivas, o que me fez repensar situações e com isso melhorar a minha prática. E, com o mesmo intuito, consegui também prestar essa ajuda às colegas.

No que concerne às modalidades lecionadas, explorei um pouco e de forma a concretizar a forma como foram lecionadas, apresentarei as estratégias que utilizei, as dificuldades e facilidades que tive e como foi a reação dos alunos.

No primeiro período comecei lecionando as modalidades de Atletismo e Corfebol, de forma alternada, isto é, uma semana uma modalidade e na seguinte a outra. Primeiramente pensei em realizar essas unidades didáticas através de um modelo mais tradicional de ensino, por este motivo utilizei o Modelo de Instrução Direta. Escolhi fazer assim por dois motivos: por não conhecer muito bem os alunos e a característica das turmas e por ainda não ter muita segurança para aplicar outro modelo de ensino. Mesmo se tratando de um modelo mais centrado no professor, procurei que as atividades das aulas o mais interessantes e atrativas possível.

No Atletismo, normalmente utilizei atividades em circuito com grupos. Dividia os alunos em 3 ou 4 grupos e montava 3 ou 4 atividades distintas, pelas quais os alunos rodavam. Algumas vezes deixei que eles dividissem os grupos, mas era uma prática que não resultava muito bem, pois estes demoravam muito tempo para se organizar. Por este motivo, optava por trazer os grupos já

definidos. Para cada grupo pedia que eles determinassem um aluno ou aluna que fosse o responsável por “controlar” a atividade do grupo, de forma a me libertar e responsabilizá-los. Normalmente explicava todas as estações na instrução inicial de forma a que todos ficassem sabendo as tarefas de todas as estações. Posteriormente, passava pelos grupos para observar como se tinham organizado e emitia feedbacks. Houve algumas sessões que organizei de forma diferente, isto é, colocava os grupos nas suas respectivas estações e depois passava em cada grupo para realizar a instrução inicial. Esta forma se revelou pouco adequada, pois perdíamos muito tempo.

Com a modalidade de Corfebol, no início da unidade didática, pensei exercícios mais analíticos, pois a minha preocupação era conseguir fazer com que os alunos aprendessem os gestos técnicos do jogo. Nesta fase entendia que através de exercícios analíticos seria a melhor forma de ensinar os movimentos técnicos de uma modalidade, contudo depressa percebi que as aulas não estavam sendo interessantes para os alunos e estes não estavam tendo uma boa compreensão da matéria de ensino. Sendo esta uma modalidade nova para mim e para a maioria dos alunos, fiquei preocupado com a situação. Deste modo, precisei de rever rapidamente o que já havia planejado e comecei a modificar, passando a utilizar atividades centradas em estruturas de jogo. A partir deste momento as aulas se tornaram muito mais dinâmicas e atrativas. De uma forma mais geral, posso dizer que acabei utilizando o Modelo de Ensino do Jogo para a Compreensão, pois passei a utilizar a forma jogada para que os alunos conseguissem ter um entendimento sobre o jogo e, quando era preciso utilizar determinada técnica para alguma tomada de decisão, esta era inserida no jogo. Foi visível que os alunos passaram a entender muito melhor a estrutura do jogo e, quase que naturalmente, após algumas correções, forma melhorando a parte técnica da modalidade.

Na sequencia, como terceira modalidade do primeiro período, lecionei o Andebol. Por se tratar de outra modalidade coletiva, e face ao resultado que havia conseguido com o Corfebol, parti logo para a utilização do modelo do Ensino do Jogo para a Compreensão. As atividades foram centradas no jogo desde o início. Claro que, por se tratar de uma modalidade mais conhecida, tanto a parte técnica, como a estrutura do jogo já eram mais conhecidas dos alunos. Mas mesmo assim, queria que as aulas rendessem mais e entendi que

esta seria a forma mais adequada. Durante este processo, utilizei diferentes formas de jogo procurando partir de atividades mais simples para as mais complexas, isto tendo em conta os problemas de jogo que identificava. Acredito que tenha dado resultado, pois os resultados dos alunos, que foram bons, assim o demonstraram. A evolução dos alunos, a meu ver, foi visível. Apesar de terem sido poucas aulas, acredito que eles conseguiram alcançar bons níveis de desempenho e um bom entendimento sobre o jogo.

No segundo período comecei por lecionar a modalidade de Voleibol, com um modelo de ensino distinto, o Modelo de Educação Desportiva. Nesta fase já me sentia mais seguro, pelo que decidi avançar apesar de não estar muito seguro em relação aos conteúdos, pelo que o investimento foi estudar um pouco mais sobre como poderia apresentar os conteúdos do Voleibol na forma deste modelo. Pensei que iria correr tudo bem, isto atendendo ao grau de maturidade dos alunos. Contudo, depressa percebi que teria dificuldades, isto apesar de não estar programado utilizar o modelo na sua totalidade, por exemplo, não iria contemplar o evento culminante.

A ideia foi utilizar a dinâmica das equipas, do capitão, do mascote, filiação e da competição formal. Na prática, face a não estar bem familiarizado com a estrutura do modelo, não consegui passar bem aos alunos a dinâmica organizacional e os diferentes papéis que tinham que desempenhar. Acabou por não dar certo e não consegui dar segmento ao Modelo de Educação Desportiva. Neste meio tempo, pensei que a melhor saída seria alterar a abordagem e recorrer à forma como ele foi abordado no curso de mestrado, o Modelo de Abordagem Progressiva ao Jogo, que consiste em integrar a técnica com aquilo que é imposto pelo jogo. Deste modo, procurei dividir os alunos por níveis, especificamente em três, e trabalhar com atividades de graus de complexidade distintos. De referir que numa turma os alunos que estavam no nível mais avançado conseguiram chegar ao jogo formal 6x6, e na outra turma o grupo mais avançado conseguiu atingir o 4x4.

O Voleibol, por ser uma modalidade em que eu não possuo muitos conhecimentos, acabou por ser uma das modalidades em que senti mais dificuldades para lecionar. Por este motivo acabei tendo essas dificuldades pelo percurso e precisei modificar a unidade didática acrescentando mais algumas aulas para conseguir trabalhar o que havia planeado.

Na sequência do período lecionei de forma simultânea mais duas modalidades (uma aula por semana de cada uma), o Basquetebol e a Ginástica Acrobática. Para o Basquetebol procurei utilizar o Modelo de Ensino do Jogo para a Compreensão. Como já havia dado certo com outras duas modalidades desportivas coletivas, pensei que seria adequado dar-lhe continuidade. As aulas foram interessantes e os alunos no final da unidade didática, demonstraram que compreenderam os objetivos do jogo e apresentaram níveis de desempenho elevados.

Já para a Ginástica Acrobática, resolvi tentar aplicar novamente o Modelo de Educação Desportiva. Desta vez o projeto estava melhor estruturado, pois segui os passos das minhas colegas do núcleo de estágio, apenas com algumas modificações em relação aos objetivos e algumas partes da estrutura. O objetivo seria motivar os alunos para a modalidade, visto que estes não estavam nada receptivos.

Os alunos foram divididos em grupos tendo em conta a necessidade de todos os grupos terem bases, volantes e intermédios e cada grupo recebeu um Dossiê de Apoio. O dossiê continha todas as informações relativas à unidade didática: sobre a modalidade, sobre a formação dos grupos, a calendarização, os conteúdos (pegas, figuras, montes e desmontes), as atividades de aquecimento e de condição física, bem como elementos sobre o objetivo terminal e a avaliação, em que os alunos tinham um papel ativo e central (auto e heteroavaliação ao longo das aulas). Nesta estrutura os alunos sabiam todas as rotinas e trabalharam muito bem, acabando por se interessar muito por uma modalidade que nem queriam fazer no início. Pelo fato de estarem se desenvolvendo muito bem as aulas, os alunos pediram para aumentar o número de aulas de Ginástica Acrobática. O evento culminante no final da unidade didática foi muito positivo, havendo lugar a esquemas muito bons.

No terceiro período, face ao pouco tempo de aulas efetivo que houve por conta das atividades extras que ocorreram na escola consegui realizar apenas duas unidades didáticas, uma de Futebol e outra de Badminton.

Para muitos alunos a modalidade de Futebol era a mais esperada, mas para muitos a menos esperada. Foi bem dividida a aceitação desta modalidade nas duas turmas que lecionei. O Modelo de Ensino do Jogo para a Compreensão, foi a opção na procura de alcançar resultados similares aos já

alcançados com outras modalidades coletivas. Claro que, assim como nas outras modalidades coletivas que utilizei este modelo, trabalhei algumas atividades de técnica isoladas, normalmente em atividades para aquecimento ou em atividades quando havia algum grupo em espera para realizar outra atividade. Penso que tenha corrido bem desta forma, mas um ponto que percebi que poderia ter modificado algumas situações foi na questão da complexidade de alguns exercícios. Talvez por trabalhar com futebol a algum tempo, acabei pensando em algumas atividades mais complexas que alguns alunos não conseguiram ter êxito. Talvez devesse ter voltado atrás de forma a que os alunos tivessem aprendido mais, mas confesso que não o consegui fazer, acabando por insistir na tentativa que os alunos ultrapassassem a barreira e conseguissem evoluir daquela forma. Em algumas situações isso foi conseguido, os alunos conseguiram ultrapassar as dificuldades do exercício e chegaram ao objetivo. Mas em outros momentos não conseguiram. E nestes casos faltou-me a capacidade de perceber antecipadamente o insucesso e modificar. De qualquer forma, assim como nas outras modalidades coletivas, acredito que o saldo tenha sido positivo, pois houve um bom envolvimento dos alunos e um nível de aprendizado considerável no final da unidade didática.

Para o Badminton, como não possuía muita experiência na modalidade e por ter tido o primeiro contato apenas no curso de mestrado, percebi que talvez uma boa forma de ensinar este desporto fosse através do mesmo modelo que utilizei no Voleibol, o Modelo de Abordagem Progressiva ao Jogo, tentando integrar a técnica no que é imposto pelo jogo. Mais uma vez dividi os alunos em dois níveis - um grupo estava um pouco mais avançado, tendo já a noção de jogo e conseguindo executar os batimentos básicos de forma satisfatória e o outro grupo tinha muitas dificuldades em executar os batimentos básicos. Visto que não estava conseguindo fazer com que os alunos conseguissem evoluir muito em relação ao aumento do grau de complexidade do jogo, em algumas aulas utilizei a estratégia de colocar os alunos que já possuíam mais conhecimento da modalidade com aqueles que tinham mais dificuldades, para tentar estimulá-los e ajudá-los. O resultado foi muito positivo, pois os alunos com mais dificuldades demonstraram uma maior evolução no final da unidade didática. Por ser uma modalidade em que eu não possuía muitos conhecimentos, esta acabou por ser uma das modalidades em que tive mais

dificuldades para lecionar. Um outro fator que acredito que tenha prejudicado a leção desta modalidade, assim como no Futebol, foram as poucas aulas que tive para esses dois desportos.

Na turma do 6º ano lecionei apenas a unidade didática de Andebol. Por se tratar de alunos mais novos e, após conversar com o professor titular da turma, acabei por optar pelo Modelo de Instrução Direta, trabalhando os aspectos técnicos de forma mais isolada. Após esta fase inicial avancei para formas de jogo básicas, tendo por base o Modelo do Ensino do Jogo para a Compreensão. Nesta turma o resultado foi ainda mais positivo, tanto ao nível da compreensão que os alunos adquiriram do jogo como na performance no jogo. Neste mesmo sentido, o feedback que recebi do professor da turma foi que considerava que os alunos tinham conseguido evoluir bastante nesta modalidade.

5.1.3. A relação pedagógica/clima da aula

Para um bom funcionamento da aula é preciso que se tenha uma boa relação pedagógica entre professor e alunos. De acordo com Postic (1984, p. 12), a relação pedagógica é “o conjunto de relações sociais que se estabelecem entre o educador e aqueles que educa para atingir objetivos educativos, numa dada estrutura institucional, relações essas que possuem características cognitivas e afetivas identificáveis, que tem um desenvolvimento e vivem uma história”. Este é um ponto essencial para que se consiga um bom clima na aula. Prezei, desde o início das aulas, a construção de uma relação saudável com as turmas. Muito desta relação pedagógica saudável passa pelo planeamento. Postic (1984, p. 12) ainda acrescenta que “no ensino, a relação pedagógica estabelece-se por intermédio do trabalho escolar, definido por programas que contêm objetivos explícitos, efetuado no respeito pelas modalidades fixadas pelas instruções ou circulares oficiais, num meio arquitetural específico, segundo o ritual da utilização do tempo”. Acredito que se as aulas forem interessantes, com atividades que os alunos gostem e tenham prazer em realizá-las, já teremos meio caminho andado para termos um bom clima da aula.

As escolhas das modalidades podem ser, desde logo, um fator influenciador do estado de relação e clima da aula. Mas penso que, mesmo lecionando desportos que os alunos não gostem tanto, se as atividades dentro de cada modalidade forem atrativas e o modelo de aula for chamativo aos olhos dos alunos, conseguindo colocá-los como centro da estrutura da aula, esta modalidade menos apreciada por eles vai acabar por ser bem aproveitada. Mencione-se a título de exemplo o que aconteceu na Ginástica Acrobática: quando avisei os alunos que iria lecionar esta modalidade, fui logo questionado sobre quantas aulas seriam, se não poderíamos trocar por outra modalidade, se poderiam ser poucas aulas, entre outras questões, que demonstrara claramente o desinteresse dos alunos por este desporto.

Iniciando a aplicação da modalidade de Ginástica Acrobática através do Modelo de Educação Desportiva, logo ao início das aulas, os alunos, de uma forma geral nas duas turmas que apliquei este modelo, começaram a ficar mais interessados. O que acabou por acontecer foi que ao fim das aulas desta modalidade, a pedido dos alunos, acrescentamos mais aulas. Eles adoraram e até poderíamos ter realizado mais tempo desta prática.

Acredito que este tenha sido um momento muito importante da minha prática pedagógica, pois só fortaleceu a minha relação com os alunos e o clima das aulas neste período foi muito bom. Penso que conseguimos, assim, consolidar alguns processos de uma melhor forma, atingindo um maior nível de maturidade e entendimento durante as aulas.

Ao mesmo tempo em que esta relação esta ligada a esta estrutura da instituição escolar e dos planos que os professores seguem para as aulas, há outro fator muito importante neste contexto a ser destacado, a parte afetiva desta relação e a proximidade que ela tem com a vida na sociedade. Segundo Postic (1984) sociólogos da educação demonstraram que não se pode abstrair as relações entre professores e alunos da organização do sistema educativo, das suas funções sociais das conexões que ela tem com a sociedade. É pensarmos que a relação pedagógica está diretamente a todos estes fatores que estão a sua volta, não sendo um fato isolado. Postic (1984, p. 29) complementa dizendo que “a relação pedagógica, nas suas formas instituídas, aparece então como prefiguração das relações que os alunos hão de encontrar na sociedade”. Com isso podemos perceber que cada vez mais a relação

pedagógica é um fator de influência importante sobre o aluno, pois é algo que irá ajudá-lo a construir a sua identidade perante a sociedade e fará com que ele consiga a ter mais autonomia com as suas relações exteriores a escola.

Por fim, ressaltando o ponto da afetividade desta relação, Postic (1984) nos apresenta o pensamento de que na relação pedagógica, a mediação do professor, ao invés de ser de ordem mais intelectual, é de ordem mais afetiva. O autor complementa dizendo que o formador ouve para libertar, interroga sobre o sentido da caminhada que o aluno segue, tenta resolver com ele conflitos e chegar a uma conciliação provisória. Este ponto passa a ser cada vez mais um fator importante e influenciador na formação dos alunos. Acredito que cada vez mais as crianças e jovens precisem desse tipo de apoio, pois a afetividade nos leva a fazer coisas boas e a ser pessoas melhores.

5.1.4. A gestão da aula (alunos, tempo, atividades, espaços)

Continuando a abordar a questão relacionada com um bom funcionamento e qualidade da aula, podemos dizer que é preciso realizar uma boa gestão de toda sessão, tendo em conta a gestão dos alunos, do tempo, das atividades e dos espaços. Estes aspectos citados serão explorados neste tópico, de forma a reportar como se desenvolveu a minha gestão em relação a estes pontos.

Sempre que falamos em gestão podemos pensar em como será que vamos administrar alguma coisa. A melhor forma de lidar com algo para que possamos ter resultados interessantes em relação ao que queremos alcançar dentro das atividades que realizamos. Acredito que na escola seja da mesma forma. Posso iniciar falando sobre a gestão dos alunos, que acredito que é a mais difícil de ser feita. Administrar pessoas, com pensamentos e desejos diferentes, crenças e culturas diversas, é algo extremamente trabalhoso.

Busquei, desde sempre, durante o período de estágio conseguir organizar os alunos da melhor forma possível, procurando apresentar a eles a minha maneira de estar e o meu modo de pensar em relação a tudo aquilo que iria fazer parte da nossa jornada de ensino e aprendizagem. Claro que isso não foi conseguido de forma imediata. No início demorava um pouco mais a conseguir organizar os alunos dentro das atividades e objetivos que propunha. Mas à

medida que o tempo foi passando, fui conhecendo mais os alunos e pude perceber melhor seus pontos fortes e fracos. Na posse desta informação, permitiu-me adequar um pouco mais as atividades e os objetivos em relação à turma de uma forma geral e também um pouco mais individualizado em relação a alguns alunos. Desta forma a gestão deles dentro das atividades de aula começou a ficar um pouco facilitada.

Como estes pontos estão todos interligados, se a minha gestão em relação aos alunos não fosse muito boa, acabaria que a gestão do tempo, por exemplo, também ficaria prejudicada. Também busquei, em relação ao tempo, ser sempre bem rigoroso. Este é um ponto em que sempre apresentei dificuldade. Não sou muito bom a controlar o tempo das atividades durante a aula. Normalmente deixo passar muito tempo. Penso que a atividade pode ser trocada durante a aula quando os alunos conseguiram entendê-la e conseguiram realizá-la por um tempo considerável. Por este fato, modifiquei a minha estratégia em relação à gestão do tempo durante o estágio. Ao início tentava fazer muitas atividades, para tentar tornar mais atrativa a aula e fazer parecer que estava fazendo um bom trabalho ao pensar em muitas atividades.

Com o passar do tempo fui vendo que acabava por não conseguir fazer todas as atividades previstas, ou fazê-las por pouco tempo sem que os alunos tivessem um bom entendimento do que deveria ser trabalhado. Foi ao perceber isso que comecei a utilizar menos atividades, gerindo assim melhor o tempo dentro daquelas poucas atividades que propunha. Acredito que tenha resultado melhor esta forma de trabalho, pois os alunos conseguiam fazer por mais tempo um mesmo exercício, conseguindo com isso, consolidar melhor alguns aspectos que pretendia que aprendessem. Por exemplo, nas modalidades coletivas, consegui fazer com que eles captassem muito mais os aspectos táticos do jogo, fazendo, assim, com que melhorassem a sua noção do jogo de forma global. Como no Futebol, onde eles melhoraram muito a percepção em relação a questão do sistema defensivo e de cobertura. E nos esportes individuais percebi muitas melhoras em relação a gestos técnicos mais específicos, como por exemplo, as batidas no Badminton. Conseguiram perceber muito melhor o tipo de pega que deveriam fazer e como deveriam bater em determinados batimentos.

Acredito que esta gestão do tempo tenha começado a melhorar também pelo fato de ter acontecido esta percepção de mudar a estratégia em relação às atividades. Como já referenciei, estes tópicos estão todos interligados. Ao pensar em melhora da gestão do tempo para conseguir gerir melhor os alunos durante a aula, acabei por modificar a forma de gerenciar as atividades. Diminuir a quantidade de exercícios durante as aulas foi essencial para uma melhora na gestão da sessão e para o entendimento e aperfeiçoamento dos alunos. Outra estratégia que adotei para melhorar a gestão das atividades foi repetir alguns exercícios de uma aula para a outra. Isso fez com que os alunos conseguissem consolidar melhor alguns conteúdos. Ainda em relação a modificações nas atividades, penso que a última atitude tomada foi a de adequar ao máximo os exercícios utilizados aos objetivos que pretendia alcançar. Parece ser muito claro este pensamento de que as atividades devem conter exatamente os objetivos que queremos que os alunos alcancem. Mas na prática isso é mais difícil de ser aplicado, pelo menos para mim. Este foi um ponto em que tive muitas dificuldades e acredito que ainda tenha. Penso ter melhorado muito ao longo do estágio, por ter começado a conseguir adequar melhor os objetivos e ao pensar melhor nas componentes críticas dos exercícios. Para mim esta foi a forma com que percebi ser a melhor para conseguir adequar as atividades aos objetivos. Pensava o que era suposto trabalhar em determinada aula. Após isso, pensava nos exercícios que poderiam ser melhor para cada objetivo. E, por fim, olhando para os exercícios, é que pensava nas componentes críticas. Neste ponto é que comecei a refletir da seguinte forma, se a componente crítica está de acordo com o objetivo a ser trabalhado, acredito que o exercício está adequado. Pode ser que talvez esta não seja a melhor forma de se pensar sobre isso, mas foi a partir deste momento que comecei a acertar melhor o objetivo que queria para a aula, com o exercício e com as componentes críticas, pois até este momento estavam todos estes pontos sem uma conexão muito adequada.

A gestão só era possível sabendo os espaços que teria disponível para poder realizar as atividades. No primeiro período não houve problemas em relação a este aspecto. Consegui utilizar os espaços que acreditava serem os melhores para fazer o que estava a pensar. Durante o segundo período este aspecto começou a piorar, ficando ainda muito pior no terceiro período. O que

começou a acontecer foi que os espaços estavam sendo distribuídos de uma forma pior. Acabava por ser feita a distribuição dos espaços praticamente na hora das aulas. Muitas vezes eu já estava com a parte inicial da minha aula pronta (pois organizava tudo antes) e ao iniciar a aula, outro professor chagava e pedia para que eu trocasse de lugar com a minha turma. Enquanto que no primeiro período estava tempo bom e conseguia utilizar o espaço exterior deixando os pavilhões para os outros professores, durante o segundo e terceiro período o tempo já estava mais frio e chuvoso, o que causou mais transtornos em relação a isso. Comecei a ter dificuldades pelo fato de que muitas vezes, após já ter toda a aula pensada e organizada para um determinado espaço, chagava ao momento da aula e era preciso ceder o espaço para outro professor. Acabava que tinha de mudar de local ou realizar a sessão num espaço muito menor, ou muito diferente daquele que estava pensando. Foi então que comecei a ter sempre uma alternativa, caso tivesse essa restrição de espaço. Pensava sempre antes nessas alternativas, caso um professor precisasse do espaço ia fazer o que havia pensado extra plano de aula. Ou mudava as atividades ou trocava de local, de acordo com as mudanças e pedidos que os outros professores faziam. Claro que, mesmo tendo essa alternativa de plano de aula, isto acabava por dificultar um pouco o andamento da sessão.

Esta gestão da aula foi um dos pontos mais importantes durante o ano de estágio. Com o auxílio do professor cooperante e das minhas colegas de estágio consegui identificar pontos que necessitavam de melhorar em relação a esta área da minha lecionação. Acredito que com o passar das aulas pude ir encontrando estratégias para melhorar, o que penso ter acontecido. Estratégias estas que foram modificar as atividades em relação às capacidades dos alunos, diminuir o número de atividades da aula, repetir algumas atividades que os alunos já haviam realizado, pensar as componentes críticas com maior proximidade dos objetivos das atividades, ter alternativas de atividades e espaços caso precisasse mudar, entre outras. Foi tão importante trabalhar esta melhora da gestão das aulas que acabei por enfatizar isso em meu estudo, onde apresento uma análise mais detalhada de outro fator decisivo nessa gestão, a Instrução.

5.1.5. Instrução

Procurando finalizar esta componente sobre uma melhor gestão das aulas, entro em um ponto importantíssimo, o qual depus quase toda a minha atenção para melhorá-lo, a instrução. Como já havia falado, após identificar, através da ajuda do professor cooperante e das minhas colegas de estágio, as minhas dificuldades neste aspecto, decidi me debruçar sobre este assunto para procurar melhorá-lo a fim de melhorar a gestão das minhas aulas e com isso conseguir fazer com que os alunos conseguissem apreender melhor os conteúdos trabalhados. Então, nesta parte do relatório, apresento o estudo “A importância da instrução: da identificação das dificuldades à melhoria”, onde abordo mais detalhadamente as dificuldades e estratégias relacionadas a este assunto.

5.1.6. A IMPORTÂNCIA DA INSTRUÇÃO: DA IDENTIFICAÇÃO DAS DIFICULDADES À MELHORIA

5.1.6.1. Resumo

O estudo apresentado a seguir procurou analisar a importância da informação para que o professor estagiário conseguisse melhorar a fase de instrução das suas aulas. O principal objetivo foi analisar o processo instrucional do professor estagiário identificando elementos que permitissem a sua melhoria nas aulas de diferentes modalidades desportivas de forma a que houvesse melhor retenção do conteúdo por parte dos alunos. Especificamente foram analisadas as alterações instrucionais durante a apresentação da tarefa e nos feedbacks antes e depois da alteração de estratégias instrucionais. Em relação à coleta de dados, foram filmadas e gravadas duas aulas, uma de voleibol no início do projeto e uma de basquetebol ao final do projeto, para efeito de comparação. Quanto aos resultados, em relação ao Conteúdo, sequência e extensão na apresentação da tarefa, podemos notar uma melhora no tempo de instrução, no direcionamento do conteúdo e na sequência mais lógica de apresentação da tarefa. Já em relação a natureza do feedback podemos dizer que, ao perceber uma diminuição da intervenção do professor durante a sessão, vemos

que há uma melhora na instrução. Ou o aumento de feedbacks de questionamento nos mostra que as intervenções passaram a ser apenas formas de fazer os alunos lembrarem rapidamente os objetivos das atividades e as formas de execução da tarefa. Por fim, podemos dizer que este estudo surgiu para buscar auxiliar o professor estagiário a melhorar a sua instrução para conseguir atingir os alunos da melhor forma possível.

PALAVRAS-CHAVE: ESTÁGIO PROFISSIONAL; PROFESSOR; EDUCAÇÃO FÍSICA; INSTRUÇÃO; FEEDBACK.

5.1.6.2. Abstract

The following study sought to analyze the importance of information for the trainee teacher to improve the instructional phase of his classes. The main objective was to analyze the instructional process of the trainee teacher identifying elements that would allow his improvement in the classes of different sports so that there was better retention of content by the students. Specifically, instructional changes during task presentation and feedback before and after changing instructional strategies were analyzed. Regarding data collection, two classes were filmed and recorded, one of volleyball at the beginning of the project and one of basketball at the end of the project, for comparison purposes. Regarding the results, regarding the Content, sequence and extension of the task presentation, we can notice an improvement in instructional time, content direction and more logical sequence of task presentation. Regarding the nature of the feedback we can say that when we notice a decrease in the teacher's intervention during the session, we see that there is an improvement in the instruction. Or the increased questioning feedbacks show us that interventions have become just ways to make students quickly remember the objectives of the activities and the ways of performing the task. Finally, we can say that this study was designed to help the trainee teacher improve his instruction to reach students in the best possible way.

KEYWORDS: SCHOOL PLACEMENT; TEACHER; PHYSICAL EDUCATION; INSTRUCTION; FEEDBACK.

5.1.6.3. Introdução

Visando auxiliar a melhora da prática docente nas escolas surge o estudo de investigação - ação. Uma busca para procurar entender melhor os processos do ensino apanhando informações e construindo conceitos através de abordagens e intervenções na prática da Educação Física escolar. Com este intuito é que aparece o estudo sobre a qualidade da instrução e feedback relacionado com a prática vivenciada durante este ano de estágio profissional. Segundo Rink (1993), o processo de observação sistemática e análise de instrução consiste no seguinte: decidir o que procurar; escolher uma ferramenta de observação; aprender a usar uma ferramenta de observação; coletar dados; analisar e interpretar o significado dos dados; fazer alterações no processo instrucional; e monitorar a mudança no ensino. Para este estudo procurei seguir todos estes pontos citados pela autora.

Procurar entender melhor este processo e trazer talvez novas ferramentas para o uso dos professores no dia a dia nas aulas torna pertinente este estudo, visto que, a instrução é uma parte importantíssima para o processo de ensino-aprendizagem. Em relação ao processo de instrução, para conseguir exemplificar melhora o que é, trago o conceito abordado por Graça (2015, p. 21) que diz o seguinte:

“No processo de instrução, o professor avalia as necessidades, os interesses e as capacidades dos alunos; concebe, seleciona e adapta atividades, tarefas e exercícios para concretizar os objetivos de aprendizagem, otimizando os recursos disponíveis; apresenta tarefas dá explicações, comunica expectativas e exigências sobre o que deve ser feito e como deve ser feito; apoia o confronto dos alunos com as tarefas de aprendizagem; estimula, supervisiona, orienta, regula, avalia o empenho na atividade e o rendimento dos alunos.”

Com isso, percebemos que ser competente neste quesito faz com que a qualidade do ensino seja cada vez melhor fazendo com que os alunos

compreendam melhor devido a uma instrução mais efetiva do professor. Graça (2015, p. 21) ainda complementa esta descrição sobre o que é o processo de instrução dizendo que:

“No processo de instrução, os alunos não são elementos passivos no direcionamento ou no desenvolvimento das atividades de aprendizagem; trazem consigo conhecimentos, capacidades e disposições, expectativas e motivações que condicionam o que se pode passar e o que efetivamente se passa na aula; interpretam e respondem às intervenções e solicitações dos professores, às exigências das tarefas de um modo concreto que vai condicionar a ação pedagógica e a qualidade da aula.”

Portanto, entendendo a importância desta parte do processo e percebendo ao longo deste ano de estágio que era neste ponto da trajetória docente em que havia mais dificuldade para a minha prática docente, resolvi investigar as características e qualidade da minha instrução, pois juntamente com a percepção do professor cooperante e das minhas colegas de estágio, pude ao longo do estágio ir percebendo que precisava melhorar neste quesito, buscando assim talvez também conseguir auxiliar outros novos professores com o meu estudo.

5.1.6.4. Enquadramento Teórico

Como já é percebido dentro do âmbito escolar nas aulas de Educação Física, a instrução é uma intervenção do professor de grande importância para o processo de ensino aprendizagem. De acordo com Rosado e Mesquita (2011, p. 69) “a capacidade de comunicar constitui um dos fatores determinantes da eficácia pedagógica no contexto do ensino das atividades físicas e desportivas”. Pelo fato de ter de ser uma forma de comunicação efetiva, a instrução precisa ser bem direcionada e organizada no sentido de atingir os alunos da melhor forma possível. Neste sentido, Rosado e Mesquita (2011, p. 69) nos dizem que “no quadro abrangente dos propósitos que justificam e legitimam a comunicação no processo de ensino-aprendizagem, a instrução ocupa um lugar nobre, ao referenciar-se à informação diretamente relacionada com os objetivos e a matéria de ensino”. Para que haja bons

momentos de instrução, Rink (1993) nos diz que a observação e análise sistemáticas de instruções são um processo de coleta de informações objetivas sobre o processo instrucional e análise dessas informações de maneira significativa. Podemos dizer que uma busca sistemática por aperfeiçoamento passa por este fator de observação e análise da instrução. Complementando, em relação a estas informações acerca da instrução, Rink (1993) diz que as informações podem ser coletadas em qualquer fase do processo instrucional.

Podemos relacionar a instrução a formas verbais de se comunicar nas explicações das atividades, formas gestuais (por exemplo, a demonstração) e formas mais curtas de chamar a atenção dos alunos, como por exemplo, os feedbacks, sendo este muito importante no processo de aprendizagem, pois, segundo Rink (1993) feedback é a informação que os alunos recebem sobre seu desempenho. Ainda sobre o feedback, complementando esta informação, Rosado e Mesquita (2011, p. 82) referem que “após a realização de uma tarefa motora por parte de um aluno ou atleta, este deve, para que o seu desempenho seja melhorado, receber um conjunto de informações acerca da forma como realizou a ação”. Neste momento, percebemos que o papel do professor é muito importante na transmissão da informação e, através desta análise do feedback podemos identificar a importância deste fato assim como a importância do ambiente em que ocorre, justificando através da fala de Rosado e Mesquita (2011, p. 84) que dizem:

“O feedback resulta, assim, de uma competência de tomadas de decisões oportunas com base numa seleção e num processamento da informação pertinente recolhida durante uma observação formal ou informal, envolvendo não só a análise da resposta motora do aluno, mas também o ambiente em que ela se desenvolve.”

Mesmo sendo manifestadas de diferentes formas, toda a instrução tem como objetivo a aprendizagem dos alunos. É neste sentido que Rosado e Mesquita (2011, p. 71) nos dizem que “um dos aspectos que os professores devem ter em consideração na otimização da comunicação é o nível de atenção que o aluno apresenta”. É importante salientar que esta instrução seja uma informação de relevância, por isso os professores devem cuidar sempre a qualidade da instrução. Seguindo neste pensamento, Rosado e Mesquita

(2011) complementam nos falando que daqui resulta a necessidade de selecionar apenas a informação mais relevante. Segundo Rink (1993) o professor está no controle do processo instrucional e deve poder ajustá-lo às necessidades dos alunos. Isto para que se melhore a forma como o professor comunica, melhorando a aprendizagem através da instrução. Complementando, Rink (1993) diz que os professores devem pensar em termos de como o seu ensino pode mudar o comportamento do aluno numa direção positiva.

É fundamental o professor conseguir expressar-se muito bem. De acordo com Rosado e Mesquita (2011, p. 80), “a informação que precede a realização de uma atividade motora ou de um exercício é decisiva para qualificar essa prática”. É importante ter clareza no seu discurso, conseguir transmitir com conteúdo, através do seu conhecimento já adquirido. Complementando este assunto, Siedentop (1991) diz que é necessário ficar claro para os alunos o objetivo dessa tarefa motora, os critérios de êxito da atividade e as disposições organizativas que sustentam essa prática. Não adianta muito o professor ser apenas um bom comunicador, ou apenas ter um bom conhecimento, é preciso unir estas duas capacidades para que possa conduzir da forma mais adequada ao processo de ensino aprendizagem. Rosado e Mesquita (2011, p. 80) complementam dizendo que “a forma como a instrução é realizada interfere na interpretação que os alunos fazem das tarefas, o que influencia a realização das mesmas”. Para melhorar em relação a estes aspectos, de acordo com Rink (1993), o crescimento como professor depende em grande parte da capacidade de observar, analisar e fazer julgamentos sobre o que está ocorrendo no programa instrucional e a capacidade de usar essas informações para fazer mudanças no comportamento do ensino. Esta afirmação mostra que é preciso o professor estar sempre atento as suas dificuldades, observando, analisando e conseguindo modificar o que for preciso.

Muitas vezes o professor não consegue dizer tudo aquilo que queria. Ou o aluno não consegue reter tudo aquilo que poderia. Por este fato é muito importante a parte não verbal do processo, a demonstração. O aluno conseguindo visualizar como deve ser feito vai facilitar muito a sua aprendizagem. Claro que a retenção maior vai ser quando ele começar a fazer,

pois “o que ouço esqueço, o que vejo recordo, o que faço compreendo” (Confúcio) e além disso, “recordamos: 10% do que lemos, 20% do que ouvimos, 30% do que vemos, 50% a 70% do que vemos e ouvimos, 80% do que dizemos e 90% do que fazemos” (William Glasser).

Além de todo este preparo que os professores devem ter em nível de conhecimento, expressão e discurso, é muito importante outro fator para que esta informação seja passada e recebida da melhor forma, é preciso que os alunos se sintam envolvidos com o processo. Eles precisam se sentir fazendo parte de tudo o que está acontecendo para que aquilo faça sentido e que eles tenham gosto por estar a receber as informações e fazer aquelas atividades. Não basta apenas fazer uma boa instrução, ter os alunos atentos e fazer com que eles compreendam bem as informações se eles não estão envolvidos com o conteúdo. Relativamente a este assunto, Rosado e Mesquita (2011, p. 109) nos dizem que neste contexto, o foco de análise centra-se na relação que o aluno ou atleta estabelece com a tarefa, especificamente na obrigatoriedade do seu cumprimento, permitindo ao professor ou treinador um controle efetivo do comportamento, bem como a avaliação do próprio processo de instrução. É importante esta responsabilização do aluno com as tarefas para que este se sinta envolvido e torne mais prazerosa e eficaz a atividade, fazendo com que a instrução e as outras formas de comunicação do professor com o aluno sejam mais efetivas.

Podemos dizer, segundo Sidentop (1991), que na instrução a informação é transmitida em três momentos: antes da prática (apresentação de tarefas, explicações e demonstrações), durante a prática (feedbacks) e após a prática (análise da prática desenvolvida). O que é muito importante nestes três momentos é garantir a qualidade da instrução, a informação deve ser a melhor possível.

5.1.6.5. Objetivos

Com a ideia de conseguir melhorar a fase de instrução das minhas aulas visando uma melhor retenção do conteúdo por parte dos alunos, surge este estudo que evidencia os seguintes objetivos:

5.1.6.5.1 Objetivo Geral

Analisar o processo instrucional do professor estagiário identificando elementos para melhoria nas aulas de diferentes modalidades desportivas de forma a que houvesse melhor retenção do conteúdo por parte dos alunos.

5.1.6.5.2 Objetivos Específicos

- a) Analisar as alterações instrucionais durante a apresentação da tarefa e nos feedbacks durante aulas de diferentes modalidades desportivas;
- b) Analisar as mudanças ocorridas no processo de ensino aprendizagem após as estratégias utilizadas.

5.1.6.6. Metodologia

Este estudo foi realizado numa turma de 10º ano da escola cooperante, sendo esta uma das minhas turmas residentes. Esta turma era composta por 27 estudantes (7 rapazes e 20 raparigas) com média de idade de 16 anos. Os estudantes foram avisados sobre o funcionamento do estudo e, visto que eles não seriam o motivo das análises, não foi preciso a utilização de uma autorização para entregar aos encarregados de educação.

Para a obtenção dos dados para a análise foram filmadas e gravadas em áudio duas aulas (uma de voleibol e uma de basquetebol) durante este processo do estudo, uma ao início (voleibol) visando a obtenção do material para a análise dos possíveis erros na comunicação da instrução e uma ao fim (basquetebol) do estudo para conseguir analisar se as metodologias e

estratégias utilizadas fizeram alguma modificação na transmissão da informação melhorando a instrução do professor.

Para a análise da qualidade da instrução, após a transcrição das aulas foram considerados os pressupostos de uma análise de conteúdo (Bardin, 2008) e foram definidas três categorias: o conteúdo - relacionado à clareza (objetivo e organização na apresentação das tarefas); a sequência da informação - referente a ordem da apresentação da informação; e a extensão - referente ao volume da informação. Também foram feitas análises durante as tarefas analisando neste caso os feedbacks relativamente a sua natureza - prescritivo, descritivo, de questionamento, de reforço.

5.1.6.7. Resultados

5.1.6.7.1 Conteúdo, sequência e extensão na apresentação da tarefa

Em relação à apresentação da tarefa, no primeiro momento, onde foi filmada e analisada a aula da UD de Voleibol, podemos perceber que a instrução possuía demasiada extensão, o conteúdo estava muito implícito e a sequência equivocada com a apresentação da organização antes do objetivo. Nesta aula as duas atividades foram explicadas ao mesmo tempo, pois foram realizadas em simultâneo, enquanto uns alunos iniciaram na atividade de 1x1, os outros iniciaram no 2x2. Podemos perceber isso no exerto a seguir apresentado:

“Vocês vão se dividir em duplas dentro da sua equipe. Vão jogar em dois campos jogo 2x2 e em outros dois campos 1x1. Marca ponto a cada vez que cumpre os objetivos que vou falar a seguir. Além desses pontos, cada vez que conseguem colocar a bola no chão da quadra adversária também marcam. Quem vence no campo 1x1 vai para o 2x2 e quem perde no 1x1 vai para a espera. Quem vence no 2x2 permanece nesse campo, e quem perde no 2x2 desce para o 1x1. No campo 1x1 os jogos iniciam com serviço por baixo e no campo 2x2 iniciam com serviço por cima. Os objetivos são: no 2x2, conseguir comunicar para receber a primeira bola e o não recebedor ir para a rede, valendo 1 ponto; conseguir realizar o 2º toque (passe) alto e junto a rede valendo 1 ponto; no 1x1, conseguir fazer os 3 toques para enviar a bola ao outro lado valendo 1

ponto; e conseguir fazer os 3 toques acertando a bola acima e a frente da cabeça valendo 1 ponto. Os jogos terão a duração de 4 minutos. Cada vez que avança para o campo 2x2 marca mais 2 pontos e cada vez que permanece no campo 2x2 marca 3 pontos. Ao final de cada rodada o capitão de cada equipe deverá informar as pontuações da sua equipe.”

O segundo momento de filmagem foi em uma aula da UD de Basquetebol. Nesta sessão, após a utilização de estratégias diferentes no momento entre gravações e durante esta aula, podemos notar diferenças em relação aos aspectos analisados. Para citar, as estratégias utilizadas foram: pensar as componentes críticas com maior proximidade dos objetivos das atividades, diminuir o número de atividades da aula, modificar as atividades em relação às capacidades dos alunos, repetir algumas atividades que os alunos já haviam realizado, ter alternativas de atividades e espaços caso precisasse mudar e ter transições entre atividades mais simples para facilitar as trocas, diminuir o tempo de espera e aumentar o tempo de empenhamento motor. O conteúdo já estava mais claro, a sequência foi melhor apresentada aparecendo os objetivos antes da organização e a extensão foi consideravelmente menor. Este fato pode ser notado nas duas atividades realizadas na aula como segue nas descrições abaixo:

“Pessoal, nesta primeira atividade vamos dar sequência ao trabalho do passa e corta e da marcação individual como o objetivo de criar situações de finalização. Vocês vão se dividir em equipes de três dentro das suas equipes. O jogo a ser realizado é do playmaker (funciona como um joker), onde o jogador que é o playmaker só joga ao ataque da sua equipe. Portanto fica um jogo 3x2. Quando recupera a posse da bola o playmaker entra no jogo.” (descrição da primeira atividade)

“Para a segunda atividade mantemos a atenção ao passa e corta mas vamos dar uma ênfase maior a desmarcação para conseguir criar as situações de finalização. Continuam em trios, mas agora todos estão no jogo, sem o playmaker. Portanto fica um jogo 3x3.”

A busca foi conseguir aperfeiçoar a apresentação da tarefa aos alunos conseguindo fazer com que fosse mais sucinta, com a explicitação dos conteúdos de melhor forma e com a sequência o mais correta possível facilitando assim o entendimento por parte dos alunos.

5.1.6.7.2 Natureza do Feedback

Apresentando os resultados em relação à natureza do feedback, na Tabela 2 podem ser observados os feedbacks transmitidos aos alunos durante as aulas gravadas. Isto com o intuito de conseguir realizar uma comparação entre o início e fim do projeto para saber se surtiu efeito as mudanças de estratégias realizadas durante este período.

Tabela 2 – Momento 1 (aula de voleibol) e Momento 2 (aula de basquetebol)

FEEDBACK	Momento 1	Momento 2
Prescritivo	19	7
Descritivo	9	3
Questionamento	3	5
Positivo	1	6
Negativo	5	2

Realizando uma leitura da Tabela 2 podemos verificar uma diferença acentuada na quantidade de feedbacks que foram transmitidos na primeira aula para a segunda aula. Enquanto os feedbacks prescritivos, descritivos e negativos diminuíram de quantidade, os de questionamento e positivos aumentaram. A análise revela que houve uma melhoria da instrução, visto que as intervenções do professor durante as atividades que foram através dos feedbacks, acabaram por ser reduzidas. Com esta informação podemos perceber que a qualidade da instrução feita ao início da aula e, neste caso, durante o período em que foi lecionada a modalidade de basquetebol foi melhorada.

A diminuição dos feedbacks descritivo e prescritivo pode significar que a informação contida na instrução foi mais direta, assim os alunos conseguiram compreender de forma mais rápida e clara a informação. A também diminuição

do feedback negativo mostra que a execução dos alunos estava mais próxima do correto. O aumento do feedback positivo corrobora esta informação mostrando assim que os alunos estavam com um melhor entendimento do que era preciso fazer. E, por fim, o aumento do feedback de questionamento pode nos fazer pensar que a forma do professor conseguir fazer com que os alunos conseguissem estar relembrando aquilo que é para ser feito, assim como o conteúdo que está sendo trabalhado e os objetivos das atividades, foi melhorada com esta estratégia.

5.1.6.8. Discussão e Conclusão

Refletindo em relação ao que estava proposto o estudo, acredito que tenha conseguido evoluir em relação a minha instrução. Penso que de forma um pouco lenta e gradual consegui desenvolver algumas estratégias que puderam auxiliar para que conseguisse avançar um pouco mais na melhoria do meu processo instrucional. Apesar de terem ocorrido, as mudanças foram um pouco difíceis. Relacionado a isso, Rink (1993) diz que o novo comportamento não parece natural e pode até parecer estranho no começo. Penso ter sido por este motivo a dificuldade da mudança.

Acredito que a melhoria mais significativa e marcante foi em relação a apresentação das tarefas, onde pude perceber uma evolução em relação ao tempo que demorava para explicar a tarefa que, ao longo do tempo foi diminuindo. Outro fator que penso ter acrescentado valor e melhorado as minhas aulas foi o fato de ter mais clareza em relação aos objetivos que cada atividade e cada aula têm. Desta forma conseguia ter mais clareza ao expor o que era pretendido que os alunos fizessem, deixando assim a informação mais clara para melhor entendimento por parte deles.

Um ponto que ainda percebo ter dificuldades, apesar de ter melhorado e ver que essa melhoria auxiliou muito em relação à instrução, é a questão das componentes críticas. Penso que este aspecto auxiliava muito na fase de construção do plano de aula, mas também trazia mais segurança ao expor os conteúdos a serem trabalhados em cada atividade no momento das aulas. Tendo estas componentes bem definidas e bem estruturadas de acordo com os objetivos das aulas e das atividades era um fator que fazia com que a instrução

se tornasse mais eficaz, pois a minha segurança ao falar era maior e a fala se tornava menor e mais direta.

Em relação ao feedback, analisando de forma mais abrangente, consegui ver uma evolução, no meu ponto de vista, percebendo que não precisei intervir muitas vezes para ter que fazer nova explicação em atividades que já havia feito a instrução. Para Rink (1993), cada tipo de feedback serve a uma pose diferente no ambiente instrucional e, portanto, deve ser usado com uma intenção muito específica. Acredito que esta afirmação corrobora com meu pensamento sobre a minha mudança em relação ao feedback pois, do primeiro momento de gravação para o segundo, percebi que precisei fazer muitas mais intervenções com feedbacks prescritivos e descritivos, o que me faz refletir que a minha instrução inicial foi muito menos completa no primeiro momento. Assim como ter feito mais feedbacks negativos no primeiro momento me mostrou que o fato de os alunos não terem entendido bem as atividades propostas fazia com que eles não conseguissem executar da melhor forma possível e dispersassem rápido da aula. Essas diferenças de um momento para o outro podem ser justificadas através de uma fala de Rink (1993) que diz que o feedback do professor mantém o foco do aluno na tarefa de aprendizagem e serve para motivar e monitorar as respostas dos alunos. O que mostra que o aumento de feedbacks positivos pode ter trazido esta maior atenção e concentração aos alunos durante as tarefas. Também pude ver que o aumento dos feedbacks de questionamento, mesmo que não sendo muito, mostrou uma melhora na qualidade da informação, visto que, com os questionamentos os próprios alunos acabavam por se lembrar já imediatamente dos objetivos que eram propostos e não tinham muitas dificuldades em continuar as atividades. Reforçando esse pensamento, Mesquita (2014 p. 205) diz que “mais importante que prescrever é fundamental questionar os praticantes, tornando-os construtores ativos da própria aprendizagem e autorreguladores da mesma, fatores concorrentes do desenvolvimento da autonomia decisional”.

Por fim, acredito ter crescido muito durante este período de estágio em relação aos aspectos estudados neste projeto. Creio ter melhorado a minha instrução aos poucos ao longo dos períodos. Minha fala ficou mais específica e minha dinâmica de aula foi crescendo gradualmente. Penso que um conjunto

de fatores foi responsável por esta melhora. Acredito ter impactado de uma forma mais eficaz a aprendizagem dos alunos ao longo do processo. Também conscientizei-me mais sobre a importância de uma boa instrução com uma forma clara de exposição da informação. E, concluindo, apesar de saber que ainda há muito a melhorar, penso ter melhorado muito minha forma de estar durante as aulas contribuindo para uma melhora na instrução e em outros aspectos da minha lecionação.

5.1.6.9. Referências

Bento, J. (2013). Desporto: discurso e substância. Instituto Casa da Educação Física/UNICAMP – Centro de Estudos Avançados – Coleção CEAv Esporte.

Betti, M. (2009). Educação Física Escolar: ensino e pesquisa – ação. Editora Unijuí.

Júnior, A., Bento, J., Ferreira, R., Boschi, C. (2014). Educação Física e Desporto: relação Brasil Portugal. Casa da Educação Física.

Lebre, E., Bento, J. (2004). Professor de Educação Física: Ofícios da Profissão. FCDEFUP.

Mesquita, I., Bento, J. (2014). Professor de Educação Física: Fundar e Dignificar a profissão. Editora FADEUP.

Queirós, P., Batista, P., Rolim, R. (2015). Olhares sobre o estágio profissional em educação física. Editora FADEUP.

Queirós, P., Batista, P., Rolim, R. (2014). Formação inicial de professores: reflexão e investigação da prática profissional. Editora FADEUP.

Rink, J. E.(1993). Teaching Physical Education for Learning. Second Edition. Mosby – year book, Ink.

Rosado, A., Mesquita, I. (2011). Pedagogia do desporto. FMH edições.

Siedentop, D. (1991). Devenloping teaching skills in physical education. Mayfield Publishing Company.

Tavares, F., Graça, A., Garganta, J., Mesquita, I. (2008). Olhares e Contextos da Performance nos Jogos Desportivos. FADEUP.

Vickers, J. (1990). Instructional design for teaching physical activities: a knowledge structures approach. Human Kinetics Books.

5.2. A Avaliação

Passando para a etapa da avaliação pude identificar que a disciplina de Educação Física possui uma avaliação bem distinta das demais. Não foi apenas realizar testes escritos e emitir uma nota. Foi preciso estar atento a uma evolução no dia-a-dia de cada aluno, acompanhado o seu desempenho e conseguindo adequar as aulas as necessidades dos alunos para que eles conseguissem se desenvolver como um todo. Por mais que os professores de Educação Física tentem tornar a avaliação mais exata, na maioria das vezes é extremamente difícil, pois as imprevisibilidades dos desportos faz com que esta avaliação seja muito subjetiva em vários momentos. Cada um, devido as suas crenças e conhecimentos prévios, analisa as situações de forma diferente, criando esta subjetividade. Outra questão que notei que influenciou neste aspecto é o facto de ter sido realizada a avaliação formativa, contínua ao longo de todo processo, o que fez com que situações diferentes com cada aluno tornassem esta etapa mais individual. Este fato fez com que precisasse considerar as dificuldades e facilidades de cada um dos alunos realizando os ajustamentos necessários.

A avaliação (ver Anexo 3) foi dividida em três momentos: no início da unidade didática a avaliação diagnóstica, onde pude perceber o nível dos alunos para iniciar a modalidade; durante a unidade didática, a avaliação formativa, que me permitiu acompanhar todo processo de desenvolvimento dos

alunos; e ao final da unidade didática a avaliação sumativa, realizada para conseguir perceber se os alunos conseguiram atingir os objetivos propostos para aquela unidade didática. Estas etapas da avaliação serviram também para que pudesse medir até que ponto o processo de ensino-aprendizagem estava a correr bem, podendo assim realizar modificações, assim como aconteceu, durante o percurso para conseguir atingir os alunos da melhor forma possível.

Para conseguir tornar possível estes momentos de avaliação foi preciso pensar nos instrumentos que seriam utilizados e definir os critérios de avaliação. Para isso consultei o documento do núcleo de Educação Física da escola sobre os critérios de avaliação da disciplina. Quanto aos instrumentos de avaliação elaborei, para cada modalidade, as tabelas de avaliação, com os respectivos critérios de êxito e as componentes críticas. Pelo facto de ser por meio de observação a avaliação de Educação Física, procurei criar tabelas de avaliação em um formato mais simples possível para conseguir avaliar a todos os alunos dentro do tempo da aula, visto que tínhamos, a meu ver, um tempo muito curto para fazê-la. Em termos de avaliação também foi realizada pelos alunos uma autoavaliação (ver Anexo 5), onde ao final de cada período eles preencheram as avaliações colocando observações sobre como acreditavam que estavam naquele período e a nota que gostariam de ficar.

Por fim, em relação à avaliação, é necessário dizer que o objetivo foi conseguir avaliar os alunos da melhor forma possível, buscando perceber se captação de conteúdo e a aplicação deste foi realizada de forma a que o aluno tenha compreendido o processo dentro de cada modalidade. Acredito que seja neste momento que o professor pode e deve acrescentar fatores para a sua reflexão sobre a sua prática pedagógica, com o intuito de melhorar a sua percepção sobre as aulas e a forma como está atuando perante os alunos. Finalizo, acrescentando que esta parte do processo de formação foi extremamente importante, pois é após a aplicação, após a realização do que planejamos, é que vamos conseguindo perceber áreas de melhoria e pontos fortes para o nosso crescimento como professores.

**PARTICIPAÇÃO NA ESCOLA E RELAÇÕES COM A
COMUNIDADE**

6. Participação na escola e Relações com a Comunidade

Nesta etapa do processo estamos diante de todas as atividades não letivas realizadas pelo Colégio. Para isso, os professores estagiários participam das organizações e realizações destes eventos. Estas atividades estão baseadas no Plano Anual de Atividades e buscam fazer com que os alunos participem do máximo de atividades diferentes ao longo do ano, enriquecendo a sua consciência sobre a prática de atividade física e desporto.

Estas práticas visam também a integração do professor estagiário na comunidade escolar, para que se possa conhecer melhor o meio em que está atuando. Possui também o objetivo de contribuir para a promoção do sucesso educativo, reforçando o papel do professor de Educação Física na escola e na comunidade em que ela está inserida, mostrando a disciplina de Educação Física através de uma intervenção contextualizada, cooperativa, responsável e inovadora.

Com base nestes aspectos citados acima especificarei agora algumas das atividades já realizadas e já programadas neste âmbito. A ideia do Núcleo de Educação Física é ter ao menos uma atividade deste tipo por mês. Iniciamos o calendário com um torneio de voleibol 2x2, o qual foi realizado no mês de outubro, para alunos do 3º ciclo e do Secundário. No mês de novembro ocorreu uma das maiores atividade organizada pelo núcleo de Educação Física, o Corta Mato. Esta atividade contou com a participação de todos os níveis de ensino, desde o Pré-escolar até o secundário. Para o primeiro período foram estas atividades que pude participar da organização e execução.

Como sequência desta programação, após o recesso de final de ano, começamos com um torneio de badminton para 3º ciclo e secundário, e o corta mato distrital no mês de janeiro. No mês de fevereiro estavam programadas duas atividades, uma saída de estudos até a Faculdade de Desporto da Universidade do Porto (FADEUP) para alunos do 10º ano e um torneio de basquetebol, novamente para alunos do 3º ciclo e secundário. Dando continuação a este processo, no mês de março houve uma visita de estudo para a turma do 12º AGD até o Museu Nacional do Desporto e um torneio de

tênis de mesa mais uma vez para alunos do 3º ciclo e secundário, finalizando assim as atividades do segundo período.

Para o terceiro período foram realizadas atividades no mês de maio. Iniciamos com um torneio de handebol para o secundário, um de futebol para o secundo e terceiro ciclo e também atividades desportivas lúdicas para os alunos. Também estão programadas duas visitas de estudo para este mês, uma para a fábrica da Nelo com a turma do 11º AGD e outra para as turmas do 10º, 11º e 12º AGD para uma experiência com a modalidade do surf.

Procurei participar da maior parte das atividades possíveis. Estive presente na organização de diversas atividades que foram organizadas pelos professores estagiários dentro da escola, como, por exemplo, nos torneios de Badminton, Voleibol, Basquetebol e Tênis de Mesa. Também fui aquelas saídas pedagógicas que tive a possibilidade de ir, como por exemplo, as atividades do desporto escolar de orientação. Por fim, em relação as atividades que participei, destaco o Corta Mato e a ExpoColGaia que, para mim, foram atividades muito diferentes e interessantes. Pude aprender muito com todas estas atividades em relação a organização de atividades, a gestão das emoções e comportamentos dos alunos, as relações entre professores e membros da direção, entre outros fatores que este tipo de atividade nos traz.

Finalizando esta área, podemos dizer que estas ações realizadas são muito importantes para a formação integral do aluno. Isto deve pelo fato de serem experiências das mais variadas possíveis, conseguindo fazer assim com que os alunos consigam adquirir uma diversidade maior de conhecimento. E, ao mesmo tempo, consiga conviver em sociedade aprendendo cada vez mais, a saber, qual o seu lugar neste processo e saber respeitar o lugar do outro. Para mim como professor estagiário também será de extrema importância a medida que a participação nestas atividades me proporcionará a aquisição de mais experiência neste tipo de organização, contribuindo para a minha formação.

CONCLUSÕES E PERSPECTIVAS PARA O FUTURO

7. CONCLUSÕES E PERSPECTIVAS PARA O FUTURO

Chegando ao final de mais uma etapa importante da minha vida e do meu caminho como docente, percebo que estes últimos dois anos foram de muito crescimento. Não consigo medir o quanto cresci em muitos diferentes aspectos, mas me sinto muito maior do que era. Vejo que a minha caminhada na profissão de professor e as minhas experiências de vida foram muito enriquecidas por tudo o que passei nestes últimos dois anos. Consegui perceber ao longo desse tempo algumas necessidades que tenho enquanto professor para me desenvolver profissionalmente, podendo refletir acerca das condições e exercício da minha atividade, das minhas experiências, da investigação que tive a possibilidade de fazer e de outros aspectos auxiliares ao desenvolvimento profissional.

Estes anos do mestrado me fizeram participar de atividades e vivências importantes na construção da minha competência profissional, promovendo desta forma uma reflexão sobre o que realizei. Este facto trouxe uma nova perspectiva sobre como é o desenvolvimento do professor ao longo da sua vida profissional, fazendo com que isso me ajudasse a criar uma identidade profissional e uma abertura à inovação. Convivi com muitas pessoas boas e atenciosas que me ajudaram a superar muitas barreiras e me fizeram aprender e relembrar conceitos e valores importantes para a nossa profissão, assim como para a nossa vida. Estive por perto também, infelizmente, de pessoas que não se importam e não valorizam os outros, se preocupando apenas consigo próprias. Mas este crescimento também faz parte, para podermos perceber que podemos ser sempre melhores daquilo que somos e entender que temos condições de contribuir também com os outros para se ter uma convivência mais harmoniosa entre as pessoas. Nesta fase precisamos utilizar a partilha dos problemas para conseguir evoluir no processo, desenvolvendo também competências de diálogo e argumentação. É importante nesta etapa conseguir identificar problemáticas argumentando e percebendo a sua pertinência prática, em relação ao contexto e relacionada com a teoria. Entendi que esta interação entre os diferentes atores que fazem parte do sistema

educativo é muito importante, pois fomenta e manifesta conceitos de responsabilidade, iniciativa, criatividade e adaptabilidade. Um ponto fundamental que percebi nesta jornada foi que é preciso ser capaz de refletir os problemas da profissão docente de uma forma geral e especificamente do professor de Educação Física, com o intuito de conseguir melhorar o desenvolvimento profissional.

Em relação a conteúdos, visto que venho de uma realidade muito diferente, consigo ver que aprendi muito. Muitas coisas novas foram acrescentadas ao reportório que trazia. Quer na parte técnica de conteúdos específicos, quer na parte mais humana de conteúdos mais para a vida. Vi durante este processo muitas dificuldades surgindo, como por exemplo, conseguir perceber os próprios problemas e encará-los. Mas um ponto muito positivo deste curso, principalmente no ano de estágio, foi que consegui, através da ajuda de colegas e professores, evidenciar estes pontos em que tenho mais dificuldades e não pensava que tinha. Pensava também que iria ter muitas dificuldades em me adaptar a escola, as rotinas, aos outros professores, enfim, adaptar-me a estrutura que envolve o estágio. Senti isso como um receio, pensava em talvez não ter o conhecimento necessário sobre os assuntos que iria abordar, o que me causou um pouco de desconforto, acreditando que é muito importante nesse processo de aprendizagem dominar bem os conteúdos. Assim como conseguir corresponder as expectativas e de cumprir as minhas tarefas, também me deixaram um pouco apreensivo, pois não queria falhar com o professor cooperante, com o Colégio, com a universidade e, principalmente com os alunos. Mas como falei acima, consegui, através da ajuda das colegas de estágio, do professor cooperante e da orientadora passar por cima desses problemas. Após tudo isso procurei reforçar o que havia de bom na minha docência e busquei melhorar estes aspectos. Ainda assim tenho muito que crescer e, de uma forma ou de outra, não quero parar por aqui.

Um dos pontos que me ajudou a crescer muito foi o projeto de investigação-ação. Acredito que este estudo foi pensado como forma de melhorar a minha prática como docente e penso ter contribuído muito. De acordo com este pensamento e após já poder ter conseguido observar um pouco da minha prática docente, percebi alguns pontos que tenho a melhorar

me focando neste ponto específico da instrução para realizar esta investigação mais aprofundada. Penso que está todo este estudo passou também por uma questão de, além de melhorar a instrução, pensar e organizar, no plano de aula, as atividades propostas, a organização como elas ocorrerão durante a aula pensando antecipadamente a organização de cada exercício e as suas transições, a forma de explicar cada atividade sendo o mais claro e direto possível, a divisão de grupos e/ou equipes, e a gestão e controle de todos estes pontos aliados ao controle da turma. Então, a ideia foi conseguir encontrar estratégias para poder melhorar neste aspecto, com o pensamento de tornar a aula melhor aos alunos no sentido do empenhamento motor. E acredito que tenha conseguido ter melhoras em relação a estes aspectos.

Pensando mais a frente um pouco, sigo com a ideia de buscar sempre mais. Estar me aperfeiçoando a cada dia para conseguir ser, além de um melhor professor, uma pessoa melhor. Depois de uma grande mudança de vida que fiz, pretendo dar continuidade a ela e fortalecer meus laços com os novos ambientes que vim buscar. Seguir crescendo com a mudança e alcançar cada vez mais os objetivos que tenho traçado para a minha vida. Acredito que a minha escolha em fazer este curso, nesta faculdade e mudar para esta cidade foi uma escolha bem acertada.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Batista, P., Rêgo, L. & Azevedo, A. (2013). *Em Movimento – Ensino Secundário (vol.2) 10º./11º./12º. Anos de Escolaridade (versão do professor)*. Porto: ASA Editora.
- Batista, P., Rêgo, L. e Azevedo, A. (2013). *Em Movimento – Ensino Secundário 10º./11º./12º. Anos de Escolaridade (Guia do Professor)*. Porto: ASA Editora.
- Bento, J. (2013). *Desporto: discurso e substância*. Instituto Casa da Educação Física/UNICAMP – Centro de Estudos Avançados. Belo Horizonte: Coleção CEAv Esporte.
- Betti, M. (1991). *Ensino de primeiro e segundo graus. Educação física para quê?* Revista Brasileira de Ciências do Esporte, 13(2), 282-287.
- Betti, M. (2009). *Educação Física Escolar: ensino e pesquisa – ação*. Ijuí: Editora Unijuí.
- Carvalho, R. (2006). *Cultura global e contextos locais: a escola como instituição possuidora de cultura própria*. Direcção Regional de Educação da Madeira, Portugal. Revista Iberoamericana de Educación (ISSN: 1681-5653).
- Dupont, P. (1985). *A dinâmica do grupo-turma*. Coimbra: Editora Coimbra.
- Gomes, P. & Graça, A. (2001). *Educação física e desporto na escola: Novos desafios, diferentes soluções*. Porto: Editora FADEUP.
- Júnior, A., Bento, J., Ferreira, R. & Boschi, C. (2014). *Educação Física e desporto: Relação Brasil Portugal*. Belo Horizonte: Casa da Educação Física.

Lebre, E. & Bento, J. (2004). *Professor de Educação Física: Ofícios da profissão*. FCDEFUP.

Martins, J. (1990). *O papel do professor de educação física como motivador da prática desportiva permanente da comunidade*. Revista O Professor(1), 47-55.

Mesquita, I., Bento, J. (2014). *Professor de Educação Física: Fundar e Dignificar a profissão*. Editora FADEUP.

Moreira, H. (1997). A investigação da motivação do professor, a dimensão esquecida. Revista Educação e Tecnologia, 88-96.

Normas orientadoras do estágio profissional do ciclo de estudos conducente ao grau de mestre em ensino de educação física nos ensinos básicos e secundário da fadeup.

Postic, M. (1984). *A Relação Pedagógica*. Coimbra Editora.

Queirós, P., Batista, P., Rolim, R. (2014). *Formação inicial de professores: reflexão e investigação da prática profissional*. Editora FADEUP.

Queirós, P., Batista, P., Rolim, R. (2015). *Olhares sobre o estágio profissional em educação física*. Editora FADEUP.

Rink, J. E.(1993). *Teaching Physical Education for Learning*. Second Edition. Mosby – year book, Ink.

Romão, P. e Pais, S. (2013). *Educação Física – Parte 1/ Educação Física 10º./11º./12º. Anos*. Porto Editora.

Romão, P. e Pais, S. (2013). Educação Física – Parte 2/ Educação Física 10º./11º./12º. Anos. Porto Editora.

Romão, P. e Pais, S. (2013). Educação Física 10º./11º./12º. Anos (livro do professor). Porto Editora.

Rosado, A., Mesquita, I. (2011). Pedagogia do desporto. FMH edições.

Sampaio, D. (1996). Indisciplina: um signo geracional? Cadernos de organização e gestão escolar. Instituto de Inovação Educacional.

Siedentop, D. (1991). Devenloping teaching skills in physical education. Mayfield Publishing Company.

Tavares, F., Graça, A., Garganta, J., Mesquita, I. (2008). Olhares e Contextos da Performance nos Jogos Desportivos. FADEUP.

Torres, L. (2005). Cultura organizacional no contexto escolar: o regresso à escola como desafio na reconstrução de um modelo teórico. Ensaio: aval. pol. públ. Educ., Rio de Janeiro, v.13, n.49, p. 435-451, out./dez.

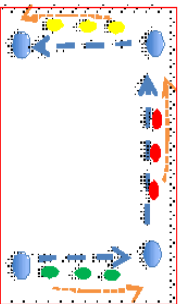
Vickers, J. (1990). Instructional design for teaching physical activities: a knowledge structures approach. Human Kinetics Books.

ANEXOS

ANEXOS

Anexo 1 – Unidade Didática

		ATA	1	2	3	4	5	6	7	8
		DATA	20/11	21/11	27/11	28/11	04/12	05/12	11/12	12/12
		DURAÇÃO	40'	40'	40'	40'	40'	40'	40'	40'
HABILIDADES MOTORAS	Técnica	Passe		I/E						AVALIAÇÃO (3x3, 4x4 ou 5x5 com defesa alta ou alinhada)
		Recepção		I/E						
		Rebate			I/E					
		Drible			I/E					
		Manter a Posse de Bola		I/E						
		Criar Vantagem Numérica		I/E						
		Finalizar		I/E						
		Marcação			I/E					
		Desmarcação				I/E				
		Ocupação do Espaço						I/E		
FISIOLOGIA DO TREINO E CONDIÇÃO FÍSICA	Capacidades condicionais				X		X			
		Velocidade				X		X		
		Resistência		X		X			X	
	Capacidades coordenativas	Coordenação		X			X			
		Orientação espacial		X				X		
CULTURA DESPORTIVA	Regras			X	X		X	X		
		Arbitragem				X			X	

Plano de Aula						
Professor: Alexandre Varin		Ano: 10º Turma:		Data: 09/10/2018 Nº alunos: 28		Aula nº: 9 Sessão: 3 de 10
Unidade Didática: Atletismo Função Didática: Exercitação		Local: Área Externa Espaço: Exterior		Hora: 09h25min Duração: 60' (40' – 10:10 term)		Material: 4 cones grandes e 9 sinalizadores.
Objetivo da Aula		Desenvolver noções da corrida preparatória, impulsão e queda do salto em comprimento.				
Habilidades Motoras		Salto em comprimento.				
Conceitos Psicossociais		Coletividade, empenho e cooperação.				
Cultura Desportiva		Noção sobre a modalidade.				
Fisiologia do Treino e Condição Física		Força, resistência e coordenação.				
Parte da Aula		Conteúdo	Objetivos Comportamentais	Situações de Aprendizagem		Organização Didático-Metodológica/ Esquema
Inicial	6'	Resistência Aerobia	Desenvolver a resistência aerobia através de corrida contínua.	Alunos separados por três grupos irão correr em fila em volta de espaço demarcado por cones. Cada equipe inicia em um ponto. Durante a corrida, ao som do apito, o último de cada grupo deve ultrapassar o seu grupo e se tornar o primeiro. Faz-se isso até todos terem sido o primeiro. Não pode ultrapassar a equipe que está a sua frente. Cada aluno correrá no máximo 1' a frente do seu grupo.		
"mantém o ritmo", "aumenta a velocidade".						

Anexo 3 – Tabela de Avaliação

Ano/Turma: 10º		CORFEBOL							Data: 31/10/2018		
Nº	Nomes	Passe de Peito			Passe de Ombro		Langamento Parado	Posição Defensiva		Passa e Corta	Classificação Final
1											
2											
3											
4											
5											
6											
7											
8											
9											
10											
11											
12											
13											
14											
15											
16											
17											
18											
19											
20											
21											
22											
23											
24											
25											
26											
27											
28											

Componentes Críticas e Critérios de Êxito

Critérios de 1 a 3		Componentes Críticas			
		PASSE DE PEITO	PASSE DE OMBRO	LANÇAMENTO PARADO	POSIÇÃO DEFENSIVA
1	Não Executa	Não Executa Nenhuma	Não Executa Nenhuma	Não Executa Nenhuma	Não Executa Nenhuma
2	Executa com Dificuldade	Executa 2 Comp. Críticas	Executa 2 Comp. Críticas	Executa 2 Comp. Críticas	Executa 2 Comp. Críticas
3	Executa	Executa as 4 Comp. Críticas	Executa as 4 Comp. Críticas	Executa as 4 Comp. Críticas	Executa as 4 Comp. Críticas

Componentes Críticas da Posição Defensiva:

1. Flexão das pernas;
2. Péis afastados, um mais avançado que o outro;
3. Tronco ligeiramente inclinado;
4. Braços ativos com um em elevação anterior.

Componentes Críticas do Lançamento Parado:

1. Segura a bola com as duas mãos à frente do corpo e à altura do peito;
2. Posicionamento dos pés (em paralelo ou um à frente do outro) com os MI ligeiramente flechidos;
3. Lança a bola com as duas mãos para cima e para a frente, com de extensão dos MS, do tronco e MI;
4. Rotação dos punhos ficando as palmas das mãos para fora.

Componentes Críticas do Passe de Ombro:

1. Bola em uma mão sobre o ombro;
2. Extensão do MS;
3. Rotação do tronco;
4. Avanço do Membro Inferior do mesmo lado.

Componentes Críticas do Passe de Peito:

1. Segura a bola com as 2 mãos;
2. Executa um movimento circular, flechindo os cotovelos;
3. Empurra a bola para a frente, à altura do peito estendendo cotovelos;
4. Roda as palmas das mãos para fora, no final do movimento.

Anexo 4 – Ficha de Caracterização do Aluno



Caracterização do Aluno

Nome: _____ Turma: _____ Nº: _____

Data de nascimento: ____/____/____ Idade: _____ E-mail: _____

Morada: _____

Caracterização do Encarregado de Educação

Nome do Encarregado de Educação: _____

Morada: _____ Parentesco: _____

Habilitações Literárias: _____ Profissão: _____ Situação Profissional: _____

Telemóvel (E.E.): _____ E-mail (E.E.): _____

Agregado Familiar

Quantas pessoas fazem parte do teu agregado familiar? ____ Quem são? _____

Tens irmãos? Sim [☐] / Não [☐] Quantos? _____

Idade dos irmãos: _____ Ano de Escolaridade: _____

Mãe:

Habilitações Literárias: _____ Profissão: _____ Situação Profissional: _____

Pai:

Habilitações Literárias: _____ Profissão: _____ Situação Profissional: _____

Percurso Escolar

Estudaste no Colégio até ao 9º ano? Sim [☐] / Não [☐] Se não, em que escola? _____

Reprovaste algum ano? Sim [☐] / Não [☐] Quais? _____

Tiveste negativas no ano anterior? Sim [☐] / Não [☐] Quais? _____

Qual é a tua disciplina preferida? _____ E aquela que tens mais dificuldades? _____

Tempo de estudo: _____ Local de estudo: _____ Com quem? _____

Tens algum horário fixo de estudo? Sim [☐] / Não [☐] Qual? _____

Saúde

Tens alguma doença crónica? Sim [☐] / Não [☐] Qual/Quais? _____

É acompanhado habitualmente por algum médico ou psicólogo? Sim [☐] / Não [☐]

De que especialidade? _____

Tens algum tipo de alergia? Sim [☐] / Não [☐] A quê? _____

Já sofreste alguma lesão? Sim [☐] / Não [☐] Qual? _____

Tomas algum medicamento diariamente? Sim [☐] / Não [☐]

Tens alguma dificuldade? Visual [☐] Auditiva [☐] Motora [☐] Fala [☐] Escrita [☐]

Tens alguma limitação na prática desportiva? Sim [☐] / Não [☐] Qual? _____

Deslocações para o Colégio

Como te deslocas para o Colégio? _____ Com quem? _____

Quanto tempo demoras? _____

Vida Desportiva

Praticas algum desporto extracurricular? Sim [☐] / Não [☐]

Qual? _____ Onde? _____ Quantas vezes por semana? _____ Duração dos treinos: _____

Já praticaste outro desporto? Sim [☐] / Não [☐] Qual/Quais? _____

Praticas desporto federado? Sim [☐] / Não [☐] Qual/Quais? _____

Se não, já praticaste alguma vez? Sim [☐] / Não [☐] Qual/Quais? _____

E outras atividades extracurriculares? Sim [☐] / Não [☐] Qual/Quais? _____

Dos seguintes desportos qual _____ gostas mais ou gostarias de praticar?

Andebol [☐]

Atletismo [☐]

Badminton [☐]

Basquetebol [☐]

Corfebol [☐]

Ginástica Artística [☐]

Futebol [☐]

Voleibol [☐]

Outros dados

Tiveste conhecimento do _____ através de: Amigo [☐] Familiar [☐] Psicólogo da escola [☐]
] Outro [☐] Quem? _____

Razões que te levaram a escolher este curso? Prosseguir os estudos [☐] Saídas profissionais [☐]

Atrativo [☐] Dupla certificação [☐] Outra [☐]
Qual? _____

Quais as tuas expetativas académicas e profissionais para o teu futuro?

Anexo 5 – Ficha de Auto Avaliação

ENSINO SECUNDÁRIO
ANO ESCOLAR 2018/2019

AUTOAVALIAÇÃO

CURSO CIENTÍFICO-TECNOLÓGICO

AUTOAVALIAÇÃO DA DISCIPLINA DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Nota: neste documento não se aceitam rasuras nem o uso de corretor

1.º Período

Nome :

Número:

1.º PERÍODO	Objeto de avaliação	Ponderação	Autoavaliação
	Conhecimentos, capacidades e competências [exemplo de instrumentos: testes sumativos, fichas de trabalho, trabalhos práticos, apresentação e discussão de trabalhos, exposição de atividades, oralidade (...)].	70%	
	Valores e relacionamento interpessoal: responsabilidade e integridade; excelência e exigência; curiosidade, reflexão e inovação; cidadania e participação; liberdade.	30%	
Classificação do 1.º período (autoavaliação)			

Justificação da classificação:

Data: ____ / ____ / ____ Assinatura _____

2.º Período

Classificação obtida no final do 1.º período: ____

2.º PERÍODO	Objeto de avaliação	Ponderação	Autoavaliação
	Conhecimentos, capacidades e competências [exemplo de instrumentos: testes sumativos, fichas de trabalho, trabalhos práticos, apresentação e discussão de trabalhos, exposição de atividades, oralidade (...)].	70%	
	Valores e relacionamento interpessoal: responsabilidade e integridade; excelência e exigência; curiosidade, reflexão e inovação; cidadania e participação; liberdade.	30%	
Classificação do 2.º período (autoavaliação)			

Justificação da classificação:

Data: ____ / ____ / ____ Assinatura _____

AUTOAVALIAÇÃO

3.º Período

Classificação obtida no final do 1.º período: ____

Classificação obtida no final do 2.º período: ____

3.º PERÍODO	Objeto de avaliação	Ponderação	Autoavaliação
	Conhecimentos, capacidades e competências [exemplo de instrumentos: testes sumativos, fichas de trabalho, trabalhos práticos, apresentação e discussão de trabalhos, exposição de atividades, oralidade (...)].	70%	
	Valores e relacionamento interpessoal: responsabilidade e integridade; excelência e exigência; curiosidade, reflexão e inovação; cidadania e participação; liberdade.	30%	
Classificação do 3.º período (autoavaliação)			

Justificação da classificação:

Data: ____ / ____ / ____ Assinatura _____

Anexo 6 – Relatórios de Aula para Alunos com Dispensa



Relatório de Aula

Atletismo

Nome: _____

Número: _____ Ano: _____ Turma: _____ Data: _____ / _____ / _____

1. Apresenta as razões que motivaram a tua dispensa.
2. Identifica o local da aula.
3. Identifica a disciplina desenvolvida (corridas, saltos, lançamentos,...).
4. Descreve os exercícios que fizeram parte do aquecimento.
5. Indica o material utilizado (barreiras, peso, testemunhos,...).
6. Aponta os aspectos técnicos abordados (técnica de corrida, transmissão do testemunho,...).
7. Descreve, de forma pormenorizada, os exercícios realizados.
8. Refere as principais dificuldades reveladas (transposição da barreira, da fasquia, movimentação no salto em comprimento,...).
9. Caracteriza a participação/comportamento dos alunos na aula (ativa, empenhada, desatenta, desinteressada,...).
10. Seleciona a atividade que mais apreciaste (justifica a resposta).
11. Escreve o sumário da aula.

Relatório de Aula
Jogos Desportivos Coletivos

Nome: _____

Número: _____ Ano: _____ Turma: _____ Data: _____ / _____ / _____

1. Apresenta as razões que motivaram a tua dispensa.
2. Identifica o local da aula.
3. Identifica a atividade desenvolvida (Andebol, Futebol, Basquetebol, Voleibol, Corfebol,...).
4. Descreve os exercícios que fizeram parte do aquecimento.
5. Indica o material utilizado (bolas, coletes, sinalizadores, cestos, ...).
6. Aponta os aspectos técnico-táticos abordados (serviço, passe, receção, lançamento, remate, ...).
7. Descreve, de forma pormenorizada, os exercícios realizados.
8. Refere as principais dificuldades reveladas em situação de jogo (ataque/defesa, desmarcação, finalização, conhecimento das regras, ...).
9. Caracteriza a participação/comportamento dos alunos na aula (ativa, empenhada, desatenta, desinteressada,...).
10. Seleciona a atividade que mais apreciaste (justifica a resposta).
11. Escreve o sumário da aula.

Anexo 7 – Folhas de Observação dos Professores Estagiários



FOLHA DE OBSERVAÇÃO - FEEDBACK			
Professor Observado:		Professor Observador:	UP: _____
Aula:		Local:	Data: _____
Momento de Feedback:			
	Prescritivo	Quantidade	Observações:
Objetivo	Descritivo		
	Questionamento		
	Tempo		
	Individual		
Direção	Equipa		
	Turma		
		/ x	
Ciclo			

FOLHA DE OBSERVAÇÃO - INSTRUÇÃO			
Professor Observado:		Professor Observador:	
Aula:		Local:	UD: Data:

1º Momento de Instrução:	
	Observações:
Colocação da voz	
Descrição (clara ou não)	
Demonstração	
Questionamento	
Tempo	

FOLHA DE OBSERVAÇÃO – ORGANIZAÇÃO E GESTÃO DO TEMPO			
Professor Observado:	Professor Observador:		UD:
Aula:	Local:	Data:	

Segundos	Minutos																													
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30
0-10																														
11-20																														
21-30																														
31-40																														
41-50																														
51-60																														

Segundos	Minutos														
	31	32	33	34	35	36	37	38	39	40	41	42	43	44	45
0-10															
11-20															
21-30															
31-40															

- LEGENDA:**
- I – Tempo de Instrução
 - O – Organização (trocas, montar exercícios e dividir equipas)
 - E – Tempo de Execução (início e fim da atividade)